



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

**LUANA FURLAN DE MEDEIROS**

**ENSINAR SAUSSURE: A CIRCULAÇÃO DA TEORIA SAUSSURIANA NOS CURSOS DE  
LETRAS BRASILEIROS**

**UBERLÂNDIA**

**2026**

LUANA FURLAN DE MEDEIROS

ENSINAR SAUSSURE: A CIRCULAÇÃO DA TEORIA SAUSSURIANA NOS CURSOS  
DE LETRAS BRASILEIROS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Linguagem, sujeito e discurso

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Eliane Silveira

UBERLÂNDIA

2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M488  
2026

Medeiros, Luana Furlan de, 1999-  
Ensinar Saussure [recurso eletrônico] : a circulação da teoria  
saussuriana nos cursos de Letras brasileiros / Luana Furlan de  
Medeiros. - 2026.

Orientadora: Eliane Silveira.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Pós-graduação em Estudos Linguísticos.

Modo de acesso: Internet.

DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2026.500>

Inclui bibliografia.

1. Linguística. I. Silveira, Eliane, 1965-, (Orient.). II. Universidade  
Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Estudos Linguísticos. III.  
Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

LUANA FURLAN DE MEDEIROS

ENSINAR SAUSSURE: A CIRCULAÇÃO DA TEORIA SAUSSURIANA NOS CURSOS  
DE LETRAS BRASILEIROS

Dissertação aprovada para a obtenção do título de  
Mestra em Estudos Linguísticos pelo Programa de  
Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da  
Universidade Federal de Uberlândia, pela banca  
formada por:

Uberlândia, 29 de maio de 2026.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Eliane Silveira (UFU) - Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Allana Cristina Moreira Marques (UFU) – Membro interno

---

Prof. Dr. Jefferson Evaristo do Nascimento Silva Alves (UERJ) – Membro externo

---

Prof. Dr. Israel de Sá (UFU) - Suplente

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Micaela Pafume Coelho (IFMT) - Suplente



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos  
Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica,  
Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br



**ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO**

|                                    |                                                                                                |                 |       |                       |       |
|------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|-------|-----------------------|-------|
| Programa de Pós-Graduação em:      | Estudos Linguísticos                                                                           |                 |       |                       |       |
| Defesa de:                         | Dissertação de Mestrado - PPGEL                                                                |                 |       |                       |       |
| Data:                              | Vinte e nove de maio de 2026                                                                   | Hora de início: | 16:30 | Hora de encerramento: | 19:00 |
| Matrícula do Discente:             | 12412ELI011                                                                                    |                 |       |                       |       |
| Nome do Discente:                  | Luana Furlan de Medeiros                                                                       |                 |       |                       |       |
| Título do Trabalho:                | Ensinar Saussure: a circulação da teoria saussuriana nos cursos de Letras brasileiros          |                 |       |                       |       |
| Área de concentração:              | Estudos em Linguística e Linguística Aplicada                                                  |                 |       |                       |       |
| Linha de pesquisa:                 | Linguagem, sujeito e discurso                                                                  |                 |       |                       |       |
| Projeto de Pesquisa de vinculação: | Ferdinand de Saussure e a Linguística Geral: da elaboração dos seus conceitos aos seus efeitos |                 |       |                       |       |

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Jefferson Evaristo do Nascimento Silva (UERJ); Allana Cristina Moreira Marques (UFU); Eliane Silveira (UFU).

Iniciando os trabalhos, a presidente da mesa, Dra. Eliane Silveira, apresentou a Comissão Examinadora e a candidato, agradeceu a presença do público e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem, sucessivamente, às examinadoras, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Mara Silveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 10/06/2026, às 14:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Allana Cristina Moreira Marques, Professor(a) Substituto(a) do Magistério Superior**, em 10/06/2026, às 15:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jefferson Evaristo do Nascimento Silva Alves, Usuário Externo**, em 11/06/2026, às 09:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **7355168** e o código CRC **42E5B9BC**.

## AGRADECIMENTOS

À Prof.<sup>a</sup> Dra. Eliane Silveira, pela orientação presente, a leitura atenta e as muitas conversas que me colocam para trabalhar.

Aos professores Dra. Allana Moreira Marques e Dr. Jefferson Evaristo do Nascimento Silva Alves por aceitarem fazer parte desta banca e pelas contribuições feitas ao meu trabalho.

Às professoras Dra. Allana Cristina Moreira Marques e Dra. Micaela Pafume Coelho, por se disponibilizarem a ler meu trabalho durante a qualificação e colaborarem na minha formação como pesquisadora.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro durante essa pesquisa.

Agradeço também aos meus colegas do grupo de pesquisa Ferdinand de Saussure (CNPq) pelas reuniões, os debates, os livros trocados e as longas conversas nos bares da esquina do francês. Agradeço em especial minha amiga Ana Paula Marroques, pela leitura sempre atenta de meus textos e a escuta sempre atenta os meus choramingos da vida. À Carolina, pelo início dessa trajetória juntas e as muitas traduções do francês. Aos nossos saussurianos favoritos: Pedro, Davi, Leo e Edu obrigada por todos os momentos juntos. À Prof.<sup>a</sup> Dra. Stefania Montes Henriques, por todas as longas conversas que me fizeram saber que o GP\_FdS é o meu lugar.

À minha amiga Isabela Akemi, pelos vinhos abertos, os choros chorados, o riso frouxo e o abraço sempre acolhedor.

Ao meu amigo Leonardo Xavier, pela amizade de anos, o espaço seguro e a certeza de que tenho para quem voltar.

À minha irmã de vida Anna Laura, pela presença de sempre e pelas gargalhadas tiradas em meio ao caos.

Aos meus tios, Junior e Karina, pelo amor mesmo a quilômetros de distância e pelo apoio em todas as fases da minha vida.

Aos meus amados familiares piracicabanos: Iara, Ismael, Juliana, Nathália, Gustavo e Lucas, pelo colo sempre acolhedor que só vocês sabem dar.

Aos meus primos amados Matheus, Alice e Pedro, espero um dia fazer por vocês o que seus pais fizeram por mim.

Ao Felipe, pelo companheirismo, as risadas tiradas em meio as nossas mil leituras sobre o social, pelo desejo de amar e a alegria de viver junto.

À minha avó Otilia, por me ensinar o amor pela leitura, a arte da escrita e o quanto a

vida é boa ao seu lado.

Ao meu avô João, por me ensinar a ter coragem e ser gentil, até em momentos difíceis.

À minha mãe Daniela, pelo amor incondicional, por acreditar em mim e pela vida.

*Para os estudantes de hoje, trata-se de sua pré-história; para o grande público, de um mundo desconhecido ou esquecido; para os críticos de hoje, sérias ilusões que teriam retardado o movimento da ciência “séria”. Há ainda os linguistas que, por vezes, admoestam os defensores de uma linguística que permaneceria excessivamente saussuriana, repetindo que é chegada a hora de sair do que eles consideram uma “prisão”. Mas, de qual Saussure se trata? O Curso de linguística geral é ainda lido? E quem o lê?*

*(Claudine Normand)*

## RESUMO

A presente dissertação investiga os modos de circulação do pensamento de Ferdinand de Saussure nos cursos de Letras: Língua Portuguesa, com habilitação simples, das universidades federais brasileiras, buscando compreender como sua teoria é apresentada e mediada no contexto do ensino de linguística. Parte-se da hipótese de que a circulação do pensamento saussuriano não ocorre de maneira direta, mas por meio de processos de mediação que selecionam, reorganizam e estabilizam determinadas interpretações de sua obra. Metodologicamente, a pesquisa articula análise documental e análise interpretativa dos materiais selecionados, considerando o papel dos manuais na transmissão do saber linguístico. Dessa forma, o trabalho toma como *corpus* os planos de disciplina e os manuais de linguística utilizados nos cursos. Assim, ao problematizar essas mediações, o trabalho busca contribuir para reflexões sobre a circulação das teorias linguísticas, os processos de transmissão do conhecimento e a formação em linguística no contexto acadêmico brasileiro.

**Palavras-chave:** Saussure. Ensino de Linguística. Curso de Letras. Manuais de Linguística. Curso de linguística geral.

## ABSTRACT

This dissertation investigates the modes of circulation of the thought of Ferdinand de Saussure in Portuguese Language education programs (Letras: Língua Portuguesa) with a single-track qualification at Brazilian federal universities, seeking to understand how his theory is presented and mediated in the context of linguistics teaching. It is based on the hypothesis that the circulation of Saussurean thought does not occur directly, but through processes of mediation that select, reorganize, and stabilize certain interpretations of his work. Methodologically, the study combines documentary analysis and interpretative analysis of the selected materials, considering the role of textbooks in the transmission of linguistic knowledge. The corpus is composed of course syllabi and linguistics textbooks used in these programs. By problematizing these mediations, the study aims to contribute to reflections on the circulation of linguistic theories, the processes of knowledge transmission, and linguistics teacher education in the Brazilian academic context.

**Keywords:** Saussure. Linguistics teaching. Teacher education programs. Linguistics textbooks. Course in General Linguistics.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|       |                                                             |
|-------|-------------------------------------------------------------|
| CAPES | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior |
| CLG   | Curso de Linguística Geral                                  |
| IFES  | Institutos Federais de Ensino Superior                      |
| MEC   | Ministério da Educação                                      |
| PPC   | Projeto Pedagógico de Curso                                 |
| PPP   | Projeto Político Pedagógico                                 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                          |           |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                                  | <b>13</b> |
| <b>1 A FUNDAÇÃO DA LINGÜÍSTICA MODERNA: SAUSSURE E A CONSTITUIÇÃO DE UM OBJETO CIENTÍFICO .....</b>                      | <b>16</b> |
| 1.1 Introdução .....                                                                                                     | 16        |
| 1.2 A linguística moderna e suas recepções .....                                                                         | 16        |
| 1.3 Saussure e a questão da autoria.....                                                                                 | 23        |
| 1.4 A máxima saussuriana: a língua como sistema.....                                                                     | 29        |
| <b>2 AS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS: A CONSTRUÇÃO DOS CURSOS DE LETRAS E A TEORIA SAUSSURIANA NO BRASIL .....</b> | <b>32</b> |
| 2.1 Introdução .....                                                                                                     | 32        |
| 2.2 A criação das universidades brasileiras.....                                                                         | 32        |
| 2.3 Os primeiros cursos de Letras no Brasil e a linguística como disciplina.....                                         | 34        |
| 2.4 A recepção do pensamento saussuriano no Brasil.....                                                                  | 36        |
| <b>3 A LÍNGUA É UM SISTEMA: UMA LEITURA SAUSSURIANA FRENTE AOS MANUAIS .....</b>                                         | <b>44</b> |
| 3.1 Introdução .....                                                                                                     | 44        |
| 3.2 A busca pelo CLG nos planos de disciplina: um percurso metodológico.....                                             | 44        |
| 3.3 O manual de linguística nos estudos saussurianos .....                                                               | 49        |
| 3.4 Entre o sistema e a estrutura: os rastros da massa social .....                                                      | 53        |
| <b>CONCLUSÃO.....</b>                                                                                                    | <b>66</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                                  | <b>69</b> |
| <b>APÊNDICE A – Repositório eletrônico de dados .....</b>                                                                | <b>73</b> |
| <b>APÊNDICE B – DECLARAÇÃO DE USO DE IA.....</b>                                                                         | <b>74</b> |

## INTRODUÇÃO

A constituição da linguística moderna é frequentemente associada ao nome de Ferdinand de Saussure (1857-1913), cuja reflexão teórica, principalmente a organizada no *Curso de Linguística Geral* (CLG), ocupa um lugar de destaque na delimitação do objeto da Linguística enquanto ciência. Nesse sentido, sua obra é reiteradamente mobilizada como marco fundador de uma nova maneira de conceber a linguagem, sendo frequentemente tomada como ponto de inflexão em relação às tradições anteriores.

No entanto, essa posição de marco fundador não implica uma recepção homogênea ou estável do pensamento saussuriano por meio do CLG, como nos destaca Flores (2024). Ao contrário, o que se observa, ao analisarmos suas recepções, é a multiplicidade de leituras que se constituem a partir desta obra saussuriana, cada uma delas marcada por ênfases e especificidades. Longe de configurar um corpo teórico unívoco, o pensamento de Saussure parece se apresentar de diferentes formas, a depender de seu local de circulação, sendo reflexo das abordagens que algumas tradições teóricas operam ao selecionar e (re)organizar seus conceitos.

Essa pluralidade de recepções não se dá de maneira aleatória, mas se inscreve em contextos históricos e institucionais específicos, que condicionam, em alguma medida, os modos de leitura e de circulação do saber linguístico. Nesse processo, certas interpretações tendem a se consolidar e a adquirir maior visibilidade, especialmente quando passam a ser veiculadas em espaços de formação, como os cursos de Letras. É nesses espaços que, atualmente, a teoria saussuriana é frequentemente apresentada como fundamento da Linguística moderna, sendo incorporada aos currículos, programas de disciplina e materiais didáticos que orientam a formação de novos linguistas.

Entretanto, o modo como essa incorporação se realiza levanta questões que merecem ser problematizadas. Se, por um lado, a presença de Saussure nos cursos de Letras parece indicar o reconhecimento de sua importância teórica, por outro, essa presença se dá por meio de mediações que não são neutras. A teoria saussuriana chega aos estudantes, em grande medida, por intermédio de manuais de introdução à linguística, resumos didáticos e recortes específicos de sua obra, o que pode influenciar significativamente a forma como seus conceitos são compreendidos e mobilizados.

Nesse contexto, torna-se relevante perguntar: de que maneira o pensamento de Saussure é apresentado nos cursos de Letras? Quais aspectos de sua teoria são privilegiados

nesses espaços e quais tendem a ser marginalizados? Que obras são efetivamente lidas pelos estudantes e quais funcionam como mediadoras desse contato? O CLG estaria presente dentro desses planos de ensino?

Essas questões apontam para a necessidade de deslocar o olhar da teoria em si para os modos de sua circulação. Trata-se, portanto, de considerar não apenas o que Saussure disse, mas como suas ideias são retomadas, organizadas e transmitidas em contextos específicos de ensino. Nesse sentido, a presente pesquisa se insere em uma perspectiva que busca compreender os processos de mediação do saber linguístico, tomando como objeto de investigação a forma como o pensamento saussuriano é mobilizado nos cursos de Letras no Brasil.

Ao assumir esse recorte, interessa-nos observar como determinadas leituras se configuram nesses espaços, sem pressupor, de antemão, a existência de uma interpretação única ou “correta” da teoria saussuriana. Ao contrário, parte-se do reconhecimento de que diferentes leituras podem coexistir, sendo necessário investigar em que medida elas se aproximam, se afastam ou se tensionam mutuamente no contexto da formação acadêmica.

Entre os aspectos que se mostram particularmente relevantes nesse processo, destacam-se algumas tendências interpretativas que parecem atravessar diferentes materiais de ensino. Uma delas diz respeito à associação recorrente entre Saussure e o estruturalismo, frequentemente apresentada como uma relação direta. Outra diz respeito às formas de tratamento da dimensão social da língua, que, em certos contextos, parecem ser delimitadas ou reconfiguradas em função de uma ênfase no funcionamento interno do sistema linguístico.

Para abordar essas questões, tomamos como objeto de análise um conjunto de dados composto pelas fichas de disciplina. Ao examinar esses materiais, buscamos identificar padrões de recorrência, formas de organização dos conteúdos e bibliografias que pudessem indicar os processos de circulação e de institucionalização da teoria saussuriana.

No que diz respeito à dimensão social da língua, cabe explicitar que este trabalho adota como referência a noção de massa social, tal como formulada no CLG. Essa escolha responde à necessidade de evitar uma flutuação terminológica que poderia comprometer a clareza da análise, sobretudo diante da proximidade com outras tradições teóricas. Ao privilegiar essa noção, buscou-se manter um diálogo mais direto com o texto saussuriano, ao mesmo tempo em que se reconhece que o próprio autor mobiliza diferentes formas de caracterizar o social, o que abre espaço para interpretações diversas.

Importa ressaltar que o objetivo desta pesquisa não é estabelecer uma leitura definitiva da teoria saussuriana, nem propor uma correção das interpretações existentes, mas antes compreender como determinadas leituras se constituem e circulam no âmbito dos cursos de

Letras. Para tal feitoria a análise apoia-se principalmente em contribuições teóricas de autores que se dedicaram à leitura e à interpretação da obra saussuriana, como Tullio De Mauro (1967), Claudine Normand (2009), Silveira (2007), Coelho (2015), Marques e Henriques (2024) entre outros.

Dito isso, este trabalho organiza-se da seguinte maneira. Na Seção 1, intitulada “A fundação da linguística moderna: Saussure e a constituição de um objeto científico”, discutimos o lugar atribuído a Saussure na história da linguística, examinando as formas pelas quais sua teoria tem sido apresentada e problematizando suas diversas recepções. Na Seção 2, “As universidades federais brasileiras: a construção dos cursos de Letras e a teoria saussuriana no Brasil”, voltamo-nos ao contexto institucional, buscando compreender como se constituem os cursos de Letras e quais são os caminhos de inserção da teoria saussuriana nesse cenário. Por fim, na Seção 3, “A língua é um sistema: uma leitura saussuriana frente aos manuais”, analisamos diretamente os materiais de ensino, investigando como determinados conceitos são mobilizados e como se configuram as leituras que circulam nesses espaços, com especial atenção à relação entre sistema e dimensão social da língua.

# 1 A FUNDAÇÃO DA LINGUÍSTICA MODERNA: SAUSSURE E A CONSTITUIÇÃO DE UM OBJETO CIENTÍFICO

*Ferdinand de Saussure era um desses homens que se renovam sem cessar; seu pensamento evoluía em todas as direções, sem com isso entrar em contradição consigo próprio.*

(Ch. Bally; Alb. Sechehaye)

## 1.1 Introdução

Nesta primeira seção de nossa dissertação, propomos, inicialmente, apresentar as recepções do *Curso de Linguística Geral* (CLG) que marcaram o processo de constituição da Linguística moderna. Estudar Ferdinand de Saussure (1857–1913) atualmente é um exercício tanto de retorno às origens quanto de renovação teórica no campo da Linguística. Reconhecido como o fundador da linguística moderna, Saussure foi o responsável por delimitar o objeto de estudo da Linguística: a língua. A consolidação do pensamento saussuriano como base fundacional da Linguística moderna encontra, assim, sua expressão mais influente na publicação do CLG, organizado com base nos cursos ministrados por Saussure entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra.

A partir dessa base, tornam-se inteligíveis as múltiplas recepções do pensamento saussuriano ao longo do século XX e do momento atual. As diferentes leituras do CLG, especialmente no contexto europeu, acabaram causando um grande reflexo sobre a teoria saussuriana, postulando, muitas vezes, Saussure como precursor direto de modelos estruturalistas posteriores, frequentemente apagando as tensões internas de sua obra.

Diante disso, esta seção propõe uma leitura que reconhece tanto o impacto decisivo do CLG na constituição da Linguística moderna, quanto os limites das recepções que dele se fizeram. Ao articular as reflexões sobre recepção e autoria, buscamos compreender o pensamento saussuriano não como um ponto de chegada, mas como um campo de problemas que continua a produzir efeitos teóricos.

## 1.2 A Linguística moderna e suas recepções

Iniciar uma reflexão sobre Ferdinand de Saussure é, inevitavelmente, lançar-se a uma questão complexa e de difícil delimitação. Destacamos, primeiramente, que a produção de

Saussure não se confunde com a história da Linguística, visto que a ciência da linguagem possui uma tradição que remonta há séculos.

Ao final do século XIX, os estudos da linguagem encontravam-se em um impasse, como observamos em Normand (2011, p. 18), os estudos deste período contavam com uma imensa massa de dados acumulados pela comparação e pela história das línguas, mas faltava ainda um princípio organizador capaz de conferir coerência a esse acervo:

A situação da Linguística era, então, a seguinte: dispunha-se de uma massa de dados, recolhida em um século, pela comparação e pela história de línguas muito diversas, mas não se sabia ordená-la. Diante das semelhanças e diferenças que ultrapassam a classificação em famílias e a elaboração de leis de evolução, diante da variedade das línguas e dos usos de uma determinada língua, diante da acumulação empírica de ‘pequenos fatos’ geralmente desconexos, como seria possível depreender uma coerência, a generalidade exigida por um avanço científico e postulada pelo título do programa ‘linguística geral’? (Normand, 2011, p. 18).

Nesse contexto, o desafio assumido por Saussure foi, ao mesmo tempo, epistemológico e institucional: formular uma teoria capaz de organizar os dados empíricos disponíveis e propor um objeto de estudo específico para a Linguística.

Ao eleger a língua como objeto da Linguística, Ferdinand de Saussure promove um deslocamento decisivo em relação à tradição filológica e histórica que dominava os estudos linguísticos no século XIX, contribuindo para a constituição da Linguística como ciência autônoma. Nesse contexto, o CLG desempenhou papel fundamental na consolidação e na difusão dessa perspectiva, afirmando-se como o principal veículo de divulgação das ideias saussurianas. A obra de Saussure passa, assim, a ocupar um lugar singular na história do pensamento linguístico.

Nesse sentido, reduzir a figura do mestre genebrino à de um simples linguista atuante entre os séculos XIX e XX não faz jus à dimensão e ao impacto de sua obra no campo da linguagem. Normand (2009) nos apresenta alguns dos impactos iniciais da publicação do CLG, como no excerto a seguir:

Para alguns, ele marcava a origem da linguística científica; outros, mais prudentes, ou um pouco menos ignorantes, buscavam interrogar a mudança que ele introduzira, compreender-lhe o processo e avaliar seu alcance. Fazia-se nele, então, um "corte epistemológico", nos termos que Althusser, retomando Bachelard, propunha para Marx. Essa metáfora pesada encontrava-se cheia de implicações políticas, sensíveis na violência do debate. Pensávamos - e com razão, continuo a crer - que Saussure provocou uma reviravolta na linguística (Normand, 2009, p. 16).

O excerto evidencia a pluralidade de leituras que se constituíram em torno da obra saussuriana logo em sua primeira publicação, em 1916. Ao evocar a noção de “corte

epistemológico”, Normand (2009) nos chama atenção para o impacto profundo dessa reorientação no campo da linguística, sem reduzi-la a um gesto inaugural absoluto. Como bem observa Silveira (2007), a força da proposta de Saussure foi tamanha que, durante as primeiras décadas de circulação da obra, as questões relativas à edição do CLG<sup>1</sup> foram, de certa maneira, secundarizadas frente à potência teórica apresentada:

O efeito do CLG foi tão forte nos seus primeiros anos que a edição não foi colocada em xeque; as questões que o CLG coloca sobre a língua, a fala e a linguagem marcam a linguística que, a partir daí, não está mais diante do mesmo objeto. A nomeação da língua como esse objeto e as considerações sobre o seu funcionamento foram capazes de cernir um real da língua: a sincronia que, com as teorias do valor e do signo, redimensionou o saber sobre a língua. O CLG, certamente, imprimiu uma importância à língua enquanto objeto da linguística. Sob esse impacto, os leitores do CLG não se detiveram sobre a questão da edição (Silveira, 2007, p. 20).

A leitura realizada pela autora evidencia a importância epistemológica do CLG. Dessa maneira, consolidou-se não apenas um conjunto de conceitos inovadores, mas igualmente um novo modo de refletir sobre a linguagem. A importância desse gesto intelectual é ressaltada já no prefácio da primeira edição em francês do CLG, no qual os editores reconhecem a originalidade e a profundidade das ideias, e lamentam a não feitoria do livro ainda em vida: “Todos quantos tiveram o privilégio de acompanhar tão fecundo ensino deploraram que dele não tivesse surgido um livro” (Bally; Sechehaye, 2006, p. 1).

Esse testemunho reforça não apenas o impacto do conteúdo das aulas, mas também a forma como Saussure organizava seu pensamento e conduzia o raciocínio linguístico. Essa clareza e rigor conceitual foram elementos decisivos para que a obra se tornasse referência fundadora dos estudos linguísticos modernos, como dissemos anteriormente.

Contudo, a criação e a recepção da teoria saussuriana são marcadas por controvérsias significativas. A controvérsia sobre o estatuto de Saussure como fundador da linguística moderna revela tensões constitutivas, como Silveira (2007, p. 15) sintetiza neste paradoxo:

[...] reconhecimento que na lingüística é algo que manca. Em outras palavras, que se dá tanto como reconhecimento quanto como desqualificação. Se é verdade que o estruturalismo que, na década de sessenta, se desenvolve a partir da obra de Saussure, rende à lingüística o título de ciência-piloto entre as ciências humanas, também é verdade que é no interior da própria lingüística que se nega ou se desmente o que se considera como sua fundação. Nega-se o papel de Saussure como fundador ao reduzi-lo a autor de uma teoria entre outras. Nega-se o movimento de Saussure nessa fundação ao tratar a sua produção ou como repartida entre algo que ele não escreveu e o que ele escreveu, mas não publicou, ou como repartida entre compartimentos estanques com que se procurou justificar a existência de um ‘Saussure diurno’ e um

<sup>1</sup> A obra não foi redigida diretamente por Ferdinand de Saussure, tendo sido organizada e publicada postumamente por Charles Bally e Albert Sechehaye, com o apoio de Albert Riedlinger, a partir de anotações de cursos ministrados por Saussure na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911, bem como de manuscritos e notas do próprio autor.

‘Saussure noturno’ (Silveira, 2007, p. 15).

A reflexão da autora sobre a natureza paradoxal do reconhecimento de Saussure na fundação da linguística moderna revela uma dinâmica constitutiva do campo científico que merece ser problematizada. Essa condição paradoxal explica por que, mesmo após mais de um século da publicação do CLG, permanecem abertos debates cruciais sobre as questões autorais do pensamento saussuriano, refletindo também em sua relação com o estruturalismo linguístico.

Para que possamos, de fato, compreender melhor esse cenário, é necessário que voltemos à recepção europeia do CLG. Essa recepção caracteriza-se, desde sua publicação, por um movimento marcado por hesitações, recusas parciais e reinterpretações sucessivas, que impedem uma leitura homogênea de sua circulação inicial. Nos apoiaremos no trabalho de Colombat, Puech e Fournier (2017) sobre uma História das Ideias Linguísticas para que possamos, assim, compreender melhor essa recepção e os impactos que elas causam até os dias atuais na formação dos profissionais da linguagem brasileiros.

Colombat, Puech e Fournier (2017) começam nos informando, como base em autores como Normand (1978), que “[...] a primeira recepção do CLG acontece no momento da publicação do texto, em 1916, que não é sempre considerado fundamental na comunidade linguística” (Colombat; Puech; Fournier, 2017, p. 34), o que evidencia que o estatuto canônico hoje atribuído à obra não corresponde à sua posição inicial no campo. O CLG surge, assim, em um contexto intelectual ainda fortemente orientado pela linguística histórico-comparativa, o que contribui para que suas proposições sejam percebidas como excessivamente abstratas ou deslocadas das práticas dominantes daquela época.

Essa primeira recepção é atravessada por uma oposição recorrente entre diferentes figuras de Saussure. Os autores nos explicitam que há uma: “[...] tendência a ver no Saussure especulativo do CLG, editado por Bally e Sechehaye, uma perversão do Saussure ‘real’, aquele do *Mémoire sur le système des voyelles en indo-européen*.” (Colombat; Puech; Fournier, 2017, p. 34). Essa oposição nos demonstra um efeito decisivo: o CLG passa a ser lido não como um texto fundador de uma nova ciência da linguagem, mas como um desvio em relação a uma obra anterior considerada mais científica, realizada pelo mesmo autor. A relação entre obra e autor se faz muito presente nos contextos de produção de Saussure, mas, nos ateremos a essas questões em nosso próximo item.

No momento, o que nos interessa com essa reflexão, entre o mais e o menos científico, é o movimento que se inicia a partir dela. O CLG passa a ser mobilizado como uma obra controversa, não sendo correspondida nem com a ciência que estava sendo produzida naquela

época e nem com a autoria que lhe era dada. Nesse movimento se consolida uma crítica segundo a qual o CLG negligenciaria a dimensão social da linguagem; assim, Saussure fora frequentemente interpretado como “[...] uma especulação (demais) abstrata que não leva em conta, notadamente, a empiricidade social [...] e da covariância língua/sociedade.” (Colombat; Puech; Fournier, 2017, p. 34). Tal leitura, no entanto, revela-nos menos uma lacuna da teoria saussuriana do que uma dificuldade de compreender o estatuto do social tal como formulado no CLG.

Ainda nesse primeiro momento, em que poucas leituras se afastam dessa recepção predominantemente negativa, entre elas, se sobressai a de Sechehaye, que procura compreender o CLG a partir de sua coerência interna. Segundo Colombat, Puech e Fournier (2017), Sechehaye busca “[...] salientar a organização conceitual que sustenta a obra.” (Colombat; Puech; Fournier, 2017, p. 34), reconhecendo no CLG um esforço constante de construção teórica. Essa posição, embora minoritária, antecipa questões que se tornarão centrais nas recepções posteriores, sobretudo no que diz respeito à noção de sistema.

A segunda recepção do CLG se deu, principalmente pelo primeiro Congresso Internacional de Linguistas, em Haia, em 1928 (Colombat; Puech; Fournier, 2017, p. 35), momento em que o Curso “aparece como ponto de apoio, alavanca de inovação em linguística” (op. cit. p. 35). Essa mudança de estatuto é fundamental, pois desloca o CLG do lugar de obra problemática para o de referência estratégica, sobretudo no contexto do Círculo Linguístico de Praga.

Nessa direção, Colombat, Puech e Fournier (2017) afirmam que o CLG constituiu-se como um “[...] texto estratégico para a 'periferia' [...] [na] conquista das instituições centrais” (Colombat; Puech; Fournier, 2017, p. 35). Essa formulação é particularmente significativa porque evidencia que a difusão das ideias saussurianas não ocorreu exclusivamente a partir dos grandes centros de produção científica europeus, mas também foi impulsionada por espaços considerados periféricos, que encontraram no CLG um importante instrumento de legitimação teórica. Desse modo, o CLG passa a funcionar como uma das principais referências conceituais mobilizadas na constituição de uma Linguística que, posteriormente, se definiria explicitamente como estrutural, sem que isso implique identificar a teoria saussuriana, em si, ao estruturalismo.

No período posterior à Segunda Guerra Mundial, o CLG passa por um novo deslocamento, que corresponde àquilo denominado como terceira recepção. Segundo essa formulação, “a terceira recepção é aquela que vê esse movimento de difusão seguir ao redor do círculo estrito de linguistas.” (Colombat; Puech; Fournier, 2017, p. 36), fazendo com que o

CLG se torne “[...] propriedade comum de linguistas, de sociólogos, de antropólogos, de filósofos.” (op. cit. 2017, p. 36). Essa ampliação do público leitor confere ao pensamento saussuriano uma projeção inédita, mas também implica uma série de novas interpretações sobre a teoria saussuriana, que, de certa forma, ainda circulam atualmente.

Dessa forma, a circulação do CLG toma uma dimensão que extrapola o domínio somente dos linguistas, fazendo com que as ideias de Saussure chegassem, por meio de autores como Lévi-Strauss, às américas (Colombat; Puech; Fournier, 2017, p. 36). Nesse mesmo movimento, o termo “estruturalismo” se consolida, inicialmente no campo filosófico, com Cassirer, e depois no contexto francês, por meio de Merleau-Ponty (Colombat; Puech; Fournier, 2017, p. 36). O CLG passa, então, a ser lido como texto fundador de um paradigma estrutural amplo, frequentemente desvinculado de suas condições teóricas de produção, o que irá refletir diretamente em sua terceira recepção.

Essa terceira recepção, no entanto, é marcada por um processo de ressignificação das categorias saussurianas. Conforme Colombat, Puech e Fournier (2017): “[...] observamos uma relativa rigidez das dicotomias saussurianas que se tornam questões de grande generalidade (em particular, sincronia/diacronia, mas também língua/fala).” (Colombat; Puech; Fournier, 2017, p. 37). Tal rigidez entra em tensão com a própria advertência presente no CLG, segundo a qual as distinções metodológicas não devem ser absolutizadas. Ao serem transformadas em oposições fixas, essas dicotomias passam a operar como esquemas explicativos gerais, afastando-se da concepção relacional e dinâmica da língua como sistema.

Desse percurso das recepções europeias do CLG resulta um efeito decisivo para a história da linguística do século XX: a estabilização de uma leitura de Saussure que, ao mesmo tempo em que assegura a importância de seus conceitos, os reinscreve em um quadro teórico mais amplo, posteriormente identificado como estruturalismo. Esse movimento não apenas consolidou a difusão internacional do pensamento saussuriano, como também criou as condições para que Saussure passasse a ser lido, em grande parte das tradições posteriores, já mediado por interpretações estruturalistas. É nesse deslocamento, da recepção europeia do CLG, que se inscreve a emergência do estruturalismo, tema que se impõe como desdobramento direto desse processo.

O estruturalismo linguístico apropria-se de certos princípios saussurianos, como a autonomia da língua, mas o faz em um contexto histórico e epistemológico distinto, marcado pela busca de formalização e de generalização metodológica. Assim, o que se herda de Saussure não é um modelo acabado, mas um conjunto de problemas teóricos que passam a ser tratados de outras maneiras.

Essa distinção permite relativizar tanto as leituras que fazem de Saussure o fundador incontornável do estruturalismo quanto aquelas que, em sentido oposto, procuram esvaziar seu papel histórico, reduzindo-o a um autor entre outros. O reconhecimento da teoria saussuriana, portanto, não pode ser pensado em termos de continuidade, mas como um processo de reinterpretação que transforma, ao mesmo tempo, o legado recebido e o lugar atribuído a seu autor. Falaremos de forma mais aprofundada sobre estas relações na Seção 3 desta dissertação, dedicada a explorar as aproximações e os distanciamentos da teoria saussuriana e da linguística estruturalista.

É justamente essa oscilação entre reconhecimento e desqualificação que Silveira (2007) identifica como constitutiva do modo como a Linguística se relaciona com sua própria história. Ao afirmar que o reconhecimento de Saussure “[...] se dá tanto como reconhecimento quanto como desqualificação” (Silveira, 2007, p. 15), a autora chama atenção para o fato de que a consagração de sua obra como fundadora da linguística moderna ocorre simultaneamente à negação de seu gesto teórico. Tal negação se manifesta, por exemplo, quando Saussure é reduzido ao autor de uma teoria entre outras ou quando sua produção é fragmentada entre aquilo que teria sido efetivamente escrito por ele e aquilo que foi publicado postumamente.

Essa dinâmica paradoxal ganha contornos ainda mais evidentes quando se considera o estatuto do CLG. Se, por um lado, o CLG foi decisivo para a consolidação da Linguística como ciência, por outro, ele também se torna uma obra com algumas questões interpretativas acerca do pensamento saussuriano, tais como: as controvérsias em torno da autoria, da edição e da coerência interna da obra contribuem para alimentar leituras que ora supervalorizam, ora relativizam excessivamente o alcance da reflexão de Saussure.

Desta forma, a linguística, ao mesmo tempo em que reivindica Saussure como fundamento de sua cientificidade, é também o espaço em que se questiona ou se desmente essa fundação. Desse modo, a permanência dos debates em torno do pensamento saussuriano e de sua relação com o estruturalismo não indica um esgotamento teórico, mas, ao contrário, a vitalidade de uma obra que resiste a leituras unívocas.

Neste item, refletimos sobre a importância dos três períodos da recepção do CLG na Europa, e, como, de certa forma, essas recepções refletem na obra saussuriana até os dias atuais. A introdução de Saussure na América Latina, incluindo o Brasil, ocorreu em um contexto de intensos intercâmbios culturais e intelectuais com a Europa. De Lemos *et al.* (2003) nos apresentam: “discutir Saussure na América Latina no século XX requer considerar certos aspectos particulares relativos às trocas culturais/intelectuais entre a Europa e a

América Latina durante esse período<sup>2</sup>.” (De Lemos *et al.*, 2003, p. 165, tradução nossa).

Esses intercâmbios resultaram em uma recepção não homogênea de Saussure, frequentemente marcada por questões como reduzir a língua a uma gramática específica, influenciada por tradições filológicas e pela ideologia da língua, como dito anteriormente com base em Colombat, Puech e Fournier (2017). Destacamos que isso se faz relevante para nossa pesquisa, motivo pelo qual retomaremos a questão em nosso item 2.4 - A recepção do pensamento saussuriano no Brasil.

Discutiremos agora, em nosso próximo item, outra questão a qual se justifica por ser um dos pontos já questionados desde a publicação do CLG: a relação autor e obra. Essa questão fez com que se perpetuasse, de certa forma, um certo misticismo do que seria o verdadeiro texto de Saussure.

### 1.3 Saussure e a questão da autoria

Os questionamentos sobre as autorias de Saussure surgem, especialmente, após a publicação do CLG (1916), abrindo espaço para reflexões que extrapolam o campo da Linguística e se inserem no debate epistemológico sobre a função do autor na constituição dos discursos científicos. Embora o CLG seja tradicionalmente atribuído a Ferdinand de Saussure, sabe-se que sua composição envolveu a mediação de seus alunos, sendo organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye, a partir das anotações de aulas feitas por seus alunos e notas manuscritas encontradas após o falecimento de Saussure em 1913.

Foi nesse cenário, e com o surgimento e a divulgação dos manuscritos saussurianos, que se desencadeou um processo fundamental de revisão de sua teoria, cujos efeitos ainda se desdobram na contemporaneidade. Como demonstram Marques e Henriques (2024), a possibilidade de uso de variadas fontes estimulou releituras aprofundadas e a constituição de edições críticas que reposicionaram o CLG não como obra definitiva, mas como parte de um projeto teórico mais amplo e inacabado. Assim, compreender a trajetória e a circulação do pensamento de Saussure exige, necessariamente, considerar não apenas o texto editado por Bally e Sechehaye, mas também o conjunto mais amplo de manuscritos e estudos que vieram a público posteriormente, configurando uma tradição crítica em constante reconstrução.

A partir dessa retomada crítica, foi possível reconfigurar o horizonte dos estudos saussurianos, deslocando o eixo da recepção do CLG para um espectro mais amplo, no qual

---

<sup>2</sup> No original: "Discuter de Saussure en Amérique latine au XXe siècle nécessite de prendre en compte certains aspects particuliers liés aux échanges culturels et intellectuels entre l'Europe et l'Amérique latine durant cette période".

manuscritos anteriormente inéditos passaram a integrar o debate. Esse processo foi acompanhado da publicação de edições críticas, fruto de trabalhos filológicos minuciosos, realizados especialmente na França e na Itália. A pesquisa de Marques e Henriques (2024) explicita esse percurso:

Assim, os manuscritos doados pela família de Saussure em 1955 e 1968 foram alvo de trabalhos filológicos e críticos, principalmente na França e Itália, tendo como resultado a publicação de edições críticas do CLG, tais como o *Sources Manuscrites du Cours de Linguistique Générale* (1957), de Robert Godel, as edições de Tullio de Mauro (1967) e de Rudolf Engler (1968-1974). Pode-se citar ainda o *Les mots sur les mots* (1971), de Jean Starobinski, que, apesar de não ser um trabalho similar às edições críticas, trouxe à tona os manuscritos saussurianos que versavam sobre os anagramas e, em menor escala, os das lendas germânicas (Marques; Henriques, 2024, p. 424).

Esse movimento de retomada crítica, portanto, evidencia a necessidade permanente de atualização e revisão do legado saussuriano. Embora o CLG ocupe um lugar incontornável na história da linguística, ele não esgota a complexidade do pensamento saussuriano. À medida que novos manuscritos do autor vêm sendo progressivamente descobertos, editados e publicados, amplia-se o corpus a partir do qual esse pensamento pode ser examinado, recolocando em pauta a questão da autoria e da legitimidade da voz teórica que se cristalizou no CLG. É nesse contexto que se inscreve a leitura proposta por Simon Bouquet<sup>3</sup>, para quem o acesso aos manuscritos de linguística geral permitiria um contato mais direto com o pensamento de Saussure, não mediado pelo enquadramento conceitual do CLG, entendido por ele como uma construção que reorganiza e, em certa medida, molda as ideias do linguista genebrino.

[...] Percebe-se, primeiramente, que o “Curso de Linguística Geral” **muitas vezes realmente se distancia da palavra do professor** e, sobretudo, que o pensamento que aparece nos textos originais revela-se, na entrada do século XXI, mais interessante e mais rico de questões que o texto de 1916. As diferenças aparecem em vários níveis. Por um lado, elas envolvem questões fundamentais à teoria da Ciência Linguística (as questões ligadas principalmente aos conceitos, reconhecidos como saussurianos, de arbitrariedade e de valor, mas também a outros problemas, como aqueles ligados ao estatuto da sintaxe ou do ato de fala na teoria da linguagem); por outro lado, a diferença principal está na lógica dos argumentos desenvolvidos nos três cursos, refletida nos cadernos dos alunos e reconstruída pelos autores do “Curso” – **acho que deve ser dito “os autores” mais que “os editores”** – de acordo com o plano de um único curso ideal; em terceiro lugar, descobre-se, por trás do pensamento de Saussure, uma “teoria do conhecimento” implícita – grandemente prejudicada por Bally e Sechehaye – que consideraram distintamente três campos de aplicação desta reflexão: a teoria de uma ciência existente (a gramática

<sup>3</sup> Simon Bouquet e Rudolf Engler foram os editores dos Escritos de Linguística Geral, publicado em 2002, volume que reúne manuscritos e anotações de Ferdinand de Saussure até então inéditos ou pouco conhecidos. Entre esses materiais destacam-se textos centrais para a reflexão teórica do autor, como o manuscrito conhecido como Da essência dupla da linguagem, além de escritos relacionados à problemática do discurso, cuja circulação havia sido limitada em publicações anteriores.

comparativa), uma especulação filosófica sobre a linguagem e o programa de uma ciência nascente<sup>4</sup> (Bouquet, 2012, p. 2, grifo nosso).

Observa-se, na reflexão do autor, a retomada do que, neste trabalho, designamos como a relação entre autor e obra. Bouquet (2012) indica que a exploração de outros materiais, principalmente aqueles oriundos de fontes originárias, possibilita uma maior aproximação com a teoria saussuriana, situando o CLG em certo descompasso em relação a Saussure.

Contudo, entendemos que as fontes primárias, as quais destacamos não apenas os manuscritos de Saussure, mas também os cadernos de seus alunos, não devem ser hierarquizadas em relação ao CLG. Assim, consideramos todas essas fontes como partes constitutivas da fortuna saussuriana, cada qual desempenhando um papel específico no processo de construção, transmissão e ampliação da teoria de Saussure.

Para que possamos ampliar a reflexão sobre a autoria de Saussure, recorreremos à teoria de Michel Foucault (1994), abordada no artigo “Problemas da autoria em Ferdinand de Saussure: do percurso intelectual à constituição da obra” de Silveira, Sá e Fernandes (2019), no qual se analisa a questão da autoria em Saussure, destacando três momentos de sua trajetória: o *Mémoire* (acusado de plágio), o *Cours de Linguistique Générale* (publicado postumamente por alunos) e os manuscritos (que levantam debates sobre originalidade). A reflexão é ancorada em Michel Foucault, especialmente na sua obra “O que é um autor?” (1994), na qual o filósofo francês utiliza suas ideias sobre a função autor como um construto discursivo, dissociado do sujeito empírico. Os autores partem dessa obra para compreender como Saussure, apesar dos impasses éticos e autorais, se consolida como fundador da linguística moderna. Dessa forma, eles assumem que Saussure se inscreve em uma trajetória que tensiona os próprios limites do que se entende por “função autor”, conforme proposta por Foucault (1992 *apud* Silveira *et al.* 2019).

O artigo explicita que aplicando a noção de função-autor de Foucault ao CLG, o nome

---

<sup>4</sup> No Original: "on compare attentivement le "Cours" avec tous les textes originaux disponibles (comprenant des autographes et des notes d'étudiants retrouvés depuis 1916), on s'aperçoit, d'abord, que le "Cours de linguistique générale" s'éloigne effectivement souvent de la parole de l'enseignant et, surtout, que la pensée qui apparaît dans les textes originaux s'avère, au seuil du XXI<sup>e</sup> siècle, plus intéressante et plus riche d'enjeux que le texte de 1916. Les différences apparaissent à plusieurs niveaux. D'une part, elles concernent des questions fondamentales de la théorie de la science linguistique (des questions liées notamment aux notions, reconnues comme saussuriennes, d'arbitraire et de valeur, mais aussi à des problèmes comme ceux du statut de la syntaxe ou de l'acte de parole dans une théorie du langage) ; d'autre part, une différence majeure tient à la logique de l'argumentation développée sur les trois cours dont témoignent les cahiers d'étudiants, reconstruite par les auteurs du "Cours" -je crois qu'il faut dire "les auteurs" plutôt que "les éditeurs"- selon le canevas d'un cours unique idéal ; d'une troisième part, on découvre, sous-tendant la réflexion de Saussure, une "théorie des savoirs" implicite - fortement mise à mal par Bally et Sechehaye - qui lui fait considérer distinctement trois champs d'application de cette réflexion : la théorie d'une science existante (la grammaire comparée), une spéculation philosophique sur le langage, le programme d'une science à venir".

“Saussure” transcende a mera designação de um indivíduo, configurando-se como uma construção teórica e institucional que unifica e legitima os enunciados fundadores da Linguística moderna. Essa função-autor emerge da circulação do CLG e da regularidade discursiva que ele estabelece, estruturando conceitos centrais como língua, sistema, valor e sincronia. Destacamos assim Silveira *et al.* (2019) ao dizerem que

[...] tendo como referência os trabalhos de Michel Foucault, em especial a assertiva que refere o nome de autor como um substantivo próprio que se dissocia do sujeito empírico e caracteriza/qualifica um modo de ser do discurso, e também à afirmação de que o autor organiza um conjunto de vozes, dá os nós de coerência ao texto. Esta, bastante instigante no caso de Saussure, que não escreveu o próprio texto do CLG, se redobra àquela, porque o professor Saussure existiu, ministrou aulas, seus alunos escreveram-nas, e seu nome assina uma obra que atesta parâmetros de cientificidade que dão sustentação à linguística (Silveira *et al.*, 2019, p. 238).

Inscribe-se nesse ponto a originalidade teórica de Saussure, diferentemente das abordagens até então vigentes. Utilizamos o artigo de Baldini, Ribeiro e Ribeiro (2019), intitulado “História das Ideias Linguísticas e Análise do Discurso: O Corte Epistemológico”, no qual os autores analisam os impasses entre a História das Ideias Linguísticas (HIL), representada por Sylvain Auroux, e a Análise do Discurso (AD) de Michel Pêcheux, com foco no “corte saussuriano”. Utilizamos, por meio do artigo de Baldini, Ribeiro e Ribeiro (2019) a teoria de Auroux<sup>5</sup>. Justificamos nossos usos por sua abordagem ampla sobre o percurso das histórias linguísticas, possibilitando um diálogo sobre a historicidade e o legado de Saussure. Dito isso Auroux (2017, p. 170 *apud* Baldini *et al.* 2019) reflete sobre o então dito “corte saussuriano<sup>6</sup>”:

Uma grande **parte da historiografia saussuriana repousa sobre uma certa ideia (um certo mito) de ciência**: ela seria descontínua, de acordo com o modelo construído por G. Bachelard, a partir da Física Moderna [...]. Tal modelo retoma o grande estudo de A. Koyré sobre Galileu e as ideias que ele desenvolvia sobre a noção de “revolução científica”, o qual tinha a vantagem de romper com a ideia ingênua do século XIX de que a ciência seria uma simples acumulação de “descobertas”. Não só isso: ele supunha um “nascimento” da ciência pela “ruptura epistemológica” que separaria, na história das nossas representações, a “verdadeira” ciência da ideologia. Desse fato, o modelo teve o inconveniente de suscitar a descoberta de inúmeras “rupturas epistemológicas”, neste ou naquele domínio do saber. É nesse contexto dos anos sessenta que Saussure foi a vítima ou o

<sup>5</sup> No campo dada História das Ideias Linguística, observa-se a tradição francesa associada aos trabalhos de Sylvain Auroux. Ressaltamos, contudo, que não é objetivo deste trabalho aprofundar tal debate teórico, uma vez que nossa pesquisa não se insere propriamente no campo da Historiografia Linguística, mobilizando essas discussões apenas na medida em que contribuem para a reflexão proposta.

<sup>6</sup> Expressão utilizada no viés dos estudiosos da Análise do Discurso para se referir à ruptura epistemológica provocada por Saussure na forma de conceber a linguagem. Para melhor compreensão ler: HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva. São Carlos: Pedro & João, 2007, p. 13-32.

“beneficiário” desta moda. Tanto os textos dos linguistas “alemães” (de língua germânica) do século XIX como aqueles de Saussure podiam se prestar muito facilmente a essa abordagem, porque o próprio autor genebrino se via como fundador da verdadeira “ciência” linguística. **Antes dele, nada de científica teria sido feito no que se refere à linguagem. Trata-se de um ponto de vista dificilmente admissível**, absurdo, para aqueles que possuem um conhecimento aprofundado das disciplinas que têm a linguagem por objeto, saberes cuja origem remonta em torno ao terceiro e ao segundo milênios (Auroux, 2017, p. 170 *apud* Baldini *et al.* 2019, p. 25, grifo nosso).

Embora o autor teça uma crítica à leitura saussuriana como “revolução científica”, a qual rejeita a ideia de ruptura absoluta, o autor não deixa de reconhecer a originalidade de Saussure. Em suas palavras:

Saussure é um cientista de grande envergadura e autor de múltiplas inovações, entre as quais, algumas são de grande invenção. Se fosse preciso avaliá-las, eu optaria incontestavelmente por colocar o ‘valor’ em primeiro plano, até porque o resto pode muito bem ser deduzido (mesmo se não se trata certamente da ordem da descoberta) (Auroux, 2017 *apud* Baldini *et al.*, 2019, p. 26).

O dito corte saussuriano pode ser entendido como um simples marco cronológico, ou como uma transformação conceitual profunda. O ponto que afirmamos aqui é que Saussure define um objeto específico para o estudo da Linguística: a língua como sistema de signos. Encarar esse fato como uma ruptura nos faz romper laços com a história que o leva até esse ponto, não sendo condizente com a perspectiva adotada neste trabalho.

Concordamos com Silveira (2007) ao dizer que “[...] é preciso considerar que as elaborações de Saussure, que lhe renderam o título de fundador da lingüística, não são sem relação com a sua formação que está totalmente ancorada na gramática comparativa do século XIX.” (Silveira, 2007, p. 47). Dessa forma, ao analisar o percurso teórico de Saussure, podemos identificar rupturas pontuais que, embora marquem descontinuidades, não estabelecem um rompimento abrupto com a gramática comparada. Afinal, Saussure parte justamente dessa tradição para fundamentar sua proposta de uma Linguística Geral, sendo essa demarcada pela publicação do CLG, em 1916 “[...] dessa forma, é condição, para a apreensão do movimento que funda a lingüística, um reconhecimento do CLG nessa fundação bem como uma subversão da sua linearidade (Silveira, 2007, p. 56). Com isso, os questionamentos em torno da autoria do CLG não significam deslegitimar sua importância, mas compreender que a teoria saussuriana é, desde o início, um campo de descoberta da ciência da linguagem.

A crítica a essa autoria, contudo, não se impôs de forma consensual no campo dos estudos saussurianos. Diversos pesquisadores têm questionado a ideia de que os manuscritos permitiriam um acesso privilegiado a um suposto “verdadeiro” Saussure, em oposição ao pensamento veiculado pelo CLG. Para esses autores, como Normand (2009, p. 20) a relação

entre o CLG e os textos manuscritos não pode ser reduzida a uma lógica de ruptura ou de falsificação, mas deve ser compreendida a partir de uma dinâmica mais complexa, na qual diferentes regimes de escrita, contextos de produção e mediações editoriais coexistem. Nessa perspectiva, o CLG não seria um obstáculo à compreensão do pensamento saussuriano, mas um de seus modos possíveis de circulação e interpretação, ainda que marcado por escolhas, recortes e reconfigurações específicas.

A crítica apresentada por Silveira (2007, p. 21) em seu primeiro capítulo, intitulado “Uma edição chamada Curso de Linguística Geral”, aponta para um problema epistemológico fundamental: como construir uma tradição científica que não seja nem dogmática nem desenraizada, capaz de reconhecer suas origens sem mitificá-las, e de inovar sem apagar sua história. Sintetiza então uma tensão recorrente nas ciências humanas e, particularmente, na Linguística: a necessidade de equilibrar reconhecimento às origens teóricas com abertura crítica à renovação.

No caso da Linguística saussuriana, esse desafio é ainda mais evidente. De um lado, temos a consagração de Saussure como “pai”<sup>7</sup> da linguística moderna, muitas vezes tratado como figura de autoridade incontestável. De outro, existe o risco de distanciar-se completamente de seus fundamentos em nome de novas abordagens, como se exigisse o esquecimento de suas contribuições históricas. Assim dito, a obra de Saussure não deve ser apenas celebrada ou refutada, mas analisada em sua produtividade teórica e em sua capacidade de gerar novas formas de compreender a linguagem.

Após discutirmos a questão da autoria, das fontes e da função do nome “Saussure” na constituição da Linguística, é necessário avançar para aquilo que sustenta a permanência dessa tradição: a própria teoria. Não se trata de assumir automaticamente que a teoria de Saussure permaneça viva apenas por sua força interna, mas de investigar como essa teoria, inscrita em um contexto histórico e editorial específico, foi sendo mobilizada para sustentar a consolidação de um campo. A permanência de uma tradição depende menos de uma suposta intemporalidade conceitual e mais da forma como esses conceitos são constantemente reinscritos “[...] é como se ela escapasse à lei inexorável de devir do tempo, esbanjando invejável permanência no mundo onde tudo passa” (Duarte *et al.*, 2008, p. 193) e se mantém atualizada e, por vezes, reconfigurada.

---

<sup>7</sup> O uso dos termos “pai” ou “mãe” na ciência funciona como uma metáfora consagrada para designar pesquisadores considerados pioneiros na formulação ou consolidação inicial de determinado campo. Trata-se, contudo, de uma atribuição que consideramos retrospectiva e frequentemente controversa, uma vez que, como pretendemos demonstrar em nossa pesquisa, a constituição de áreas científicas é, em geral, resultado de processos coletivos e historicamente distribuídos, o que torna recorrentes os debates acerca de quem, de fato, seria digno de tal designação.

Assim, o reconhecimento de Saussure como uma referência fundacional da Linguística não pode ser dissociado da função que sua teoria desempenhou, e ainda desempenha, na estruturação epistemológica desse campo. Por isso, a leitura dos conceitos centrais apresentados no CLG se faz necessária, não para reafirmar um cânone estático, mas para compreender quais operações conceituais sustentam essa tradição. As concepções de signo, valor e sistema, não são apenas categorias inaugurais, mas elementos que justificam o espaço teórico que a Linguística ocupa hoje. Ao revisitar esses conceitos, interessa-nos menos uma celebração retrospectiva e mais a compreensão crítica de como uma teoria se mantém viva à medida que é reelaborada pelas condições históricas de sua recepção.

#### 1.4 A máxima saussuriana: a língua como sistema

Mais de um século após sua publicação, o CLG permanece como uma referência incontornável para os estudos linguísticos. Isso não se deve a uma suposta rigidez dogmática do texto, mas, ao contrário, à sua fertilidade teórica e à sua abertura a múltiplas releituras, interpretações e atualizações. Nesta seção, propomos uma leitura da máxima saussuriana de que a língua é um sistema de signos.

Apesar da existência de outras fontes manuscritas do autor e os *Écrits de linguistique générale* (Saussure, 2004), optamos por centrar nossa análise no CLG, não apenas por sua ampla difusão, mas principalmente por seu caráter de grande abrangência e alcance editorial.

Para alguns intérpretes de sua teoria, seu maior legado foi a separação entre sincronia e diacronia, e, para outros, sua ênfase na sincronia como via de análise científica. Para nós, a relevância reside, sobretudo, na definição da língua como sistema, cuja organização interna obedece a valores próprios. Saussure então nos demonstra: “[...] para compreender por que a língua não pode ser senão um sistema de valores puros, basta considerar os dois elementos que entram em jogo no seu funcionamento: as ideias e os sons” (Saussure, 2006, p. 130). A noção de sistema, portanto, está no cerne da teoria saussuriana. Contudo, essa noção está intrinsecamente vinculada à de valor, pois:

[...] Saussure percebe que há uma relação entre o modo de se considerar os objetos de estudo da Linguística e da Economia<sup>8</sup>, uma vez que em ambas as ciências se é

---

<sup>8</sup> Reflexão realizada a partir das notas no curso III, segue na íntegra com tradução de Coelho (2015): “[eu me corrijo] que já com a Economia política embora em um menor grau do que com a Linguística, se está diante do Valor (ipso facto: sistema de valores, pois todo valor implica um sistema de valores). Ora é uma coisa muito notável que se tenha sido levado praticamente a ver experimentar mesmo sem querer, já em uma 1ª ciência de valores, a impossibilidade ao menos prática de confrontar esses dois objetos: o sistema de valores tomado em si

compelido a lidar com um sistema de valores. Nesse sentido, é conveniente ressaltar a observação do linguista de que “todo valor implica um sistema de valores”, ou seja, não há possibilidade de haver nenhum tipo de valor a não ser que este seja considerado sob a ótica de um sistema. Além disso, Saussure destaca que as ciências cujos objetos vinculam-se diretamente à noção de valor e, portanto, à de sistema, enfrentam a impossibilidade de considerá-los a partir de um único ponto de vista. (Coelho, 2015, p. 81-82).

Nesse sentido, tratar da língua como sistema significa compreendê-la como uma rede de relações em que cada elemento só adquire sentido pela diferença em relação aos demais. Como diz Saussure, “[...] a língua tem o caráter de um sistema baseado completamente na oposição de suas unidades concretas.” (Saussure, 2006, p. 124).

Esse ponto é crucial para entender o que representa, para nós, a máxima de Saussure. Contudo, a tentativa de definir de forma concreta o que seria a língua não nos parece uma tarefa simples. Seria de nossa parte muito simplista defini-la exclusivamente como um sistema de signos entrelaçados por um valor negativo entre eles. Essa perspectiva, embora amparada no CLG, fora recebida de diversas maneiras, como vimos nos itens acima, reduzindo a complexidade teórica da concepção saussuriana a um modelo excessivamente formal e estrutural.

Além disso, como lembra Coelho (2015, p. 42), a concepção de língua em Saussure não é estática nem fechada em si mesma. Ao contrário, trata-se de um “conceito problemático”, pois “[...] a delimitação do conceito de língua, em conjunto com a problemática da terminologia concernente às unidades linguísticas, consiste em elementos que parecem depender da noção de sistema, ao mesmo tempo em que também permitem que tal noção apresente um processo de caracterização;” (Coelho, 2015, p. 42). Essa multiplicidade de abordagens revela que a língua, em Saussure, é um conceito repleto de novas interpretações, longe de ser uma unidade conceitual unívoca.

O signo, em Saussure, é constituído pela relação arbitrária entre um significante (imagem acústica) e um significado (conceito). Essa arbitrariedade, embora importante, não implica aleatoriedade absoluta, o que indica que a língua é organizada em um sistema. Normand (2009) também nos aponta isso ao afirmar que “o conceito de valor e sua ligação com o de diferença definem para Saussure a verdadeira natureza da língua e o conteúdo do termo sistema” (Normand, 2009, p. 81); ou seja, não se trata de um mecanismo puramente lógico, mas de uma dinâmica que envolve elementos históricos e sociais.

Essa reflexão nos conduz à formulação de dois domínios na linguística saussuriana: a

---

(ou em 1 momento), e o sistema de valores segundo o tempo.” (Saussure, Notes pour le cours III, 1910-1911, f. 35 apud Coelho, 2015, p. 81).

linguística interna, voltada ao estudo das relações que estruturam o sistema linguístico, e a linguística externa, que se ocupa dos fatores históricos, sociais e culturais associados à língua.

Como afirma Saussure, a linguística interna “não admite uma ordem qualquer, é um sistema que só admite sua ordem própria” (Saussure, 2006, p. 24). Ainda que a linguística interna tenha sido, de certa forma, privilegiada na formulação de uma ciência da linguagem, Saussure reconhece a relevância da linguística externa. Em suas reflexões, afirma que “a língua é uma instituição social, mas de natureza especial”, pois suas transformações não se operam por vontade individual, mas pela ação prolongada da massa falante combinada ao tempo (Saussure, 2006 *apud* Coelho, 2015, p. 45).

Desse modo, a contribuição de Saussure não se limita à formulação de conceitos isolados, mas à construção de um arcabouço teórico coerente, no qual a língua se define como um sistema social de valores em constante renovação. Ao preparar as bases conceituais para uma nova maneira de compreender os fatos da linguagem, Saussure inaugura uma Linguística que é, ao mesmo tempo, um sistema relacional e dinâmico.

A atualidade do pensamento saussuriano, em nossa perspectiva, se revela precisamente na maneira como esses conceitos continuam a pautar debates contemporâneos sobre linguagem e ensino. No âmbito específico da formação docente, a teoria saussuriana oferece ferramentas conceituais essenciais para a formação do professor de primeira e segunda língua<sup>9</sup>. A compreensão da língua como sistema social permite ao futuro professor situar sua prática tanto em relação ao funcionamento da língua considerado como linguística interna quanto no âmbito do social que configura a linguística externa. Esta dupla perspectiva (interna e externa, nos termos do CLG) é fundamental para formar profissionais capazes de articular conhecimentos linguísticos teóricos com as demandas concretas da sala de aula.

Compreender como essas ideias se materializam nas práticas formativas atuais exige não apenas uma leitura atenta da obra de Saussure, mas também a investigação das formas institucionais que moldam o ensino da Linguística. É a partir dessa perspectiva que, na próxima seção, examinamos as condições históricas e institucionais que configuraram a recepção do pensamento saussuriano nos cursos de Letras. Ao relacionar a trajetória das universidades federais, a constituição dos cursos de Letras e a formação dos saberes linguísticos no Brasil, buscamos compreender os processos pelos quais a teoria de Saussure é apropriada, mobilizada e (re)significada na formação acadêmica brasileira.

---

<sup>9</sup> O uso dos termos língua 1 (L1) e língua 2 (L2) em vez de língua materna na linguística reflete uma mudança teórica e metodológica, motivada por maior precisão conceitual e pela necessidade de evitar pressupostos ideológicos ou imprecisões associadas ao termo “língua materna”.

## 2 AS UNIVERSIDADES FEDERAIS BRASILEIRAS: A CONSTRUÇÃO DOS CURSOS DE LETRAS E A TEORIA SAUSSURIANA NO BRASIL

*Mas, agora, o interesse público em Saussure cresce, e uma edição portuguesa se faz necessária para atender à demanda das universidades brasileiras.*

(Isaac Nicolau Salum)

### 2.1 Introdução

Nesta seção, propõe-se uma análise dos cursos de Letras no Brasil, considerando os condicionamentos históricos, institucionais e acadêmicos que moldaram esse processo. Inicialmente, discute-se a trajetória de constituição das universidades federais brasileiras, com destaque para os impasses entre formação profissional, pesquisa científica e autonomia universitária, a fim de situar o espaço institucional no qual a linguística pôde se consolidar como campo de saber.

Em seguida, aborda-se a criação dos primeiros cursos de Letras no país e o processo de institucionalização da Linguística como disciplina autônoma, evidenciando o deslocamento gradual de uma formação centrada na filologia até a linguística enquanto disciplina. A seção se dedica ainda à circulação do pensamento saussuriano no Brasil, considerando o papel das traduções, das mediações teóricas e das figuras intelectuais responsáveis por sua difusão, com destaque para a atuação de Joaquim Mattoso Câmara Jr. Analisa-se, também, como essa recepção foi marcada por reinterpretações, que contribuíram para posicionar Saussure ora como fundador da Linguística moderna, ora como referência histórica já superada.

### 2.2 A criação das universidades brasileiras

Compreender a inserção e a circulação da teoria saussuriana nos cursos de Letras brasileiros exige, antes de tudo, um olhar atento sobre a própria trajetória das universidades federais no país. Destacamos que nosso recorte não se ateve a instituições particulares, pois optamos por uma padronização de organização documental que regem as instituições. Optamos também pela universidade pública, por serem espaços de produção e transmissão do saber, sendo produto de contextos históricos, políticas e ideológicas diversos, que definem quais conhecimentos serão legitimados, ensinados e perpetuados. Nesse sentido, investigar a

formação das universidades federais brasileiras permite não apenas delinear os contornos institucionais que moldaram a formação dos profissionais da linguagem, mas também compreender os limites e possibilidades da presença de paradigmas teóricos como o de Ferdinand de Saussure nesses espaços.

O artigo de Fávero (2006) nos dá base para que possamos analisar a trajetória da universidade no Brasil, desde as tentativas frustradas de sua criação durante o período colonial e imperial até a consolidação de instituições federais e a Reforma Universitária de 1968. Destacamos a resistência inicial à formação de universidades, a influência de políticas centralizadoras, como as reformas de Francisco Campos (1931), e a criação de marcos como a Universidade do Rio de Janeiro (1920), a Universidade de São Paulo (1934), a Universidade do Distrito Federal (1935) e a Universidade de Brasília (1961). Fávero (2006, p. 21) que nos ajudam a compreender esse processo, como a ênfase na formação profissional em detrimento da pesquisa científica, a limitada autonomia universitária e as tensões políticas que culminaram na reforma de 1968, que buscou modernizar o ensino superior, mas enfrentou resistências e contradições em sua implementação.

A complexa trajetória das universidades federais no Brasil, marcada por avanços como a criação de instituições inovadoras e impasses como a resistência à pesquisa científica e à autonomia, conforme destacado por Fávero (2006), encontrou novos contornos nos anos 2000, com a expansão promovida pelo Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), lançado em 2007. Enquanto Fávero (2006) enfatiza a necessidade de compreender os processos universitários em relação à sociedade brasileira, apontando desafios históricos que persistem, Bizerril (2020) observa que o REUNI “[...] proporcionou a criação de novos campi e cursos, além da ampliação do acesso e da permanência de estudantes oriundos de diferentes regiões do país” (Bizerril, 2020, p. 3). Essa iniciativa democratizou o ensino superior, mas o desafio de equilibrar expansão, qualidade acadêmica e autonomia universitária permanece, ecoando as tensões históricas analisadas por Fávero (2006).

A década de 1990, em contraste, representou um período de severa retração para o ensino superior público brasileiro, afetando significativamente o campo das humanidades. Dutra (2012) destaca que essa década foi caracterizada por uma “[...] redução drástica dos investimentos na universidade pública.” (Dutra, 2012, p. 5), impulsionada pelas políticas neoliberais dos presidentes Collor (1990-1992) e Fernando Henrique Cardoso (1995-2002). Essa mudança fomentou um modelo de educação massificado e utilitário, que, como argumenta Dutra (2012), foi “[...] descolada dos projetos mais amplos de formação crítica e cidadania” (Dutra, 2012, p. 5), marginalizando disciplinas que exigiam profundo engajamento teórico.

O reconhecimento desses processos se faz essenciais para compreender como os contextos institucionais condicionam a forma como as teorias científicas, como é o caso da teoria saussuriana, são apropriadas e transmitidas nos cursos universitários. A partir dessas considerações, passamos agora à análise da criação dos cursos de Letras no Brasil, contexto decisivo para compreender a institucionalização da Linguística como disciplina e o lugar ocupado pela teoria de Saussure nesse processo.

### **2.3 Os primeiros cursos de Letras no Brasil e a Linguística como disciplina**

A trajetória dos cursos de Letras no Brasil está entrelaçada com o processo de consolidação das universidades e da própria ideia de formação superior em humanidades, como os cursos de Filosofia. Nas primeiras décadas do século XX, a formação em Letras estava fortemente associada à tradição filológica e literária, com ênfase na leitura de clássicos, na gramática normativa e no estudo histórico-comparativo das línguas. Esse cenário refletia, como nos demonstra o trabalho de Fiorin (2006, p. 13) tanto as influências europeias, quanto os limites institucionais de um sistema universitário ainda em desenvolvimento.

A Universidade do Rio de Janeiro (atual UFRJ), criada em 1920, foi uma das primeiras a institucionalizar o estudo das Letras e da linguagem. No entanto, como observa Fiorin (2006, p. 13), essa organização não se deu de forma integrada, mas dispersa entre faculdades independentes, como Filosofia, Direito e Pedagogia, o que dificultava a constituição de um curso coeso. Foi somente com a fundação da Universidade de São Paulo (USP), em 1934, que o curso de Letras passou a assumir uma estrutura mais consolidada, fortemente influenciada pela presença de intelectuais franceses, como Claude Lévi-Strauss (Fiorin, 2006, p. 13). A criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras introduziu uma perspectiva interdisciplinar e científica nos estudos linguísticos e literários. Nesse sentido, Fiorin (2006), excerto a seguir, nos afirma:

Estes [os cursos de letras] aparecem no Brasil no bojo dos projetos de criação das Faculdades de Filosofia apenas nos anos 30 do século XX. Embora houvesse reivindicações anteriores para a existência de uma formação superior em línguas e literaturas e mesmo uma experiência datada de 1908 na Faculdade de Filosofia São Bento, em São Paulo, no mosteiro do mesmo nome e outra com a criação de uma instituição livre denominada Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, que funcionou na cidade de São Paulo de 1931 a 1934 (1952a, 170), os primeiros cursos de Letras no Brasil surgem no anos 30: 1934, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo; em 1935, na Universidade do Distrito Federal; em 1939, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e na Universidade de Minas Gerais (Fiorin, 2006, p. 13).

A institucionalização dos cursos de Letras ocorreu, portanto, em um contexto de crescente valorização das ciências humanas. Com o Decreto-Lei nº 1.190, de 4 de abril de 1939, foi estabelecido um padrão nacional para os cursos de Letras, dividindo-os em três modalidades: Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas. Essa estrutura curricular permaneceu em vigor até 1962, quando foi reorganizada pelo parecer 283/62 do Conselho Federal de Educação. Como relata Fiorin (2006):

Em 1939, a Faculdade de Filosofia teve de adaptar-se ao padrão da Faculdade Nacional de Filosofia, criada no Rio de Janeiro, pelo Decreto Federal nº 1.190, de 4 de abril de 1939. Na secção de Letras, constituem-se os Cursos de Letras Clássicas, Letras Neolatinas e Letras Anglo-Germânicas, padrão que se manterá até 1962, quando, com base no parecer 283/62, do Conselheiro Valnir Chagas, do CFE, aprovado em 19 de outubro de 1962, reorganizam-se os Cursos de Letras no país (Fiorin, 2006, p. 16).

Embora inicialmente predominasse uma proposta curricular centrada na filologia e nas línguas clássicas, houve, com o tempo, uma consolidação das disciplinas linguísticas nos cursos. A Linguística passou a ocupar lugar de destaque após a regulamentação de um currículo mínimo. Nesse contexto, a obrigatoriedade da disciplina de Linguística se tornou um marco importante para a institucionalização do campo: “As disciplinas linguísticas se firmaram no currículo com a introdução do currículo mínimo, que tornou obrigatória a disciplina de Linguística nos cursos de Letras” (Fiorin, 2006, p. 22).

A emergência da Linguística como campo disciplinar autônomo no Brasil é um marco fundamental na história da educação linguística superior. A partir da década de 1960, com o processo de modernização do ensino superior e a expansão dos cursos de Letras, observa-se a consolidação de um campo teórico e metodológico próprio que passa a se distinguir da filologia tradicional, até então dominante.

Conforme detalha Sugiyama Júnior (2020, p. 94), o processo de institucionalização da Linguística no Brasil esteve ligado, desde os seus primeiros passos, à reorganização dos cursos de Letras, especialmente a partir da reforma universitária de 1968<sup>10</sup> responsável por promover departamentos especializados.

A consolidação da Linguística como disciplina autônoma nas universidades brasileiras, no entanto, ocorreu, de fato, em 1962, com sua institucionalização por resolução federal<sup>11</sup>. A Linguística nos cursos de Letras brasileiros, assim, deixa de ser uma disciplina complementar

<sup>10</sup> Lei 5.540/68 de 28 de novembro de 1968, a Lei da Reforma Universitária. As cátedras vitalícias, foram substituídas pelo funcionamento departamental.

<sup>11</sup> Parecer nº 283/62 do Conselho Federal de Educação (CFE), aprovado em 19 de outubro de 1962.

as outras, e se constitui como um campo científico de fundamentos próprios. A partir disso, buscamos em nosso próximo item averiguar como a recepção da teoria saussuriana se deu no Brasil, principalmente em seu momento atual, no século XXI.

## 2.4 A recepção do pensamento saussuriano no Brasil

No item anterior, analisamos a trajetória da criação dos cursos de Letras no Brasil e a consolidação da Linguística como disciplina fundamental dentro desses cursos. Para isso, partimos de alguns questionamentos que orientam nossa investigação e delimitam nosso escopo. No que tange especificamente à formação dos estudos linguísticos no Brasil, impõe-se uma questão: de que maneira um país com universidades relativamente jovens<sup>12</sup> recepcionou a teoria saussuriana? Esse questionamento não apenas pode iluminar o processo de recepção das ideias de Ferdinand de Saussure, mas também pode oferecer a possibilidade de nos permitir compreender as condições históricas e acadêmicas que moldaram a inserção dessa teoria linguística no cenário brasileiro.

No contexto brasileiro, a recepção de Saussure foi profundamente marcada por um descompasso temporal e por condições institucionais específicas. Flores (2017) adverte que “[...] [a] presença de Saussure no Brasil é um acontecimento multifacetado que não se oferece facilmente à interpretação.” (Flores, 2017, p. 25), visto que a primeira tradução brasileira se deu apenas em 1970, mais de cinco décadas após sua publicação original.

No prefácio da edição brasileira, escrito por Isaac Nicolau Salum, já é possível perceber a dimensão do impacto que as ideias saussurianas exerciam no ambiente universitário brasileiro desde as décadas anteriores. O próprio Salum reconhece essa influência ao afirmar que “Entre nós, a Linguística [...] não teve, até hoje, texto básico algum que se pudesse recomendar ao estudante.” (Salum *apud* Saussure, 2006, p. 7), justificando a relevância daquela tradução por preencher uma lacuna fundamental na formação dos estudiosos da linguagem no Brasil na qual se tinha a predominância inicial de tradições filológicas e normativas, como assinala Flores (2017, p. 36) “Os conteúdos linguísticos eram trabalhados de um ponto de vista histórico, nas disciplinas de língua portuguesa e filologia”.

Outro ponto importante é a questão editorial, como bem sintetiza Puech (2000, p. 10):

[...] o corpus saussuriano é perturbado por todos os paradoxos da autenticidade. Com efeito, o que prova a autenticidade dos textos manuscritos e das notas, se é a ‘inautêntica’ versão do Curso que adquiriu desde sempre uma dimensão autêntica histórica?

<sup>12</sup> Como explicitado no subcapítulo anterior contextualizado por Fávero (2006).

Como já apontado no item dedicado à autoria, as condições de produção e publicação dos textos associados a Saussure interferem diretamente nas formas pelas quais sua obra foi lida ao longo do tempo. A observação de Puech (2000) nos permite então recolocar essa questão em outros termos, ao sugerir que a legitimidade de um texto não se define apenas por critérios de origem ou de atribuição autoral, mas também pelo lugar que ele passa a ocupar na história da disciplina.

Neste sentido, voltamos ao prefácio feito por Salum, no qual foi enfatizada a relevância da obra para o desenvolvimento dos estudos linguísticos no Brasil, como vemos no excerto a seguir:

Acresce que o desenvolvimento dos currículos do nosso estudo médio nestes últimos anos impede que uma boa percentagem de colegiais e estudantes do curso superior possam ler Saussure em francês. Verdade é que restaria ainda a versão espanhola, que é excelente, pelo prólogo luminoso de Amado Alonso. Mas, agora, o interesse público em Saussure cresce, e uma edição portuguesa se faz necessária para atender à demanda das universidades brasileiras. (Salum, 2006, p. 14)

Como destaca Salum, essa edição poderia suprir uma necessidade real no meio acadêmico brasileiro, ampliando, assim, o alcance do pensamento saussuriano. O prefácio também aponta que, mesmo antes da disponibilização oficial da obra em português, as ideias de Saussure já compunham o repertório teórico de professores e pesquisadores brasileiros, que recorriam a edições em francês, espanhol ou a manuais organizados segundo os fundamentos do CLG. Como ressalta Salum (2006, p. 8), “[...] a influência da obra de Saussure já se fazia sentir, embora de modo indireto e disperso”, evidenciando o esforço de intelectuais brasileiros em sistematizar e divulgar tais conceitos no meio acadêmico nacional.

Entre os nomes de maior destaque nesse processo, figura Joaquim Mattoso Câmara Jr., cuja obra *Princípios de Linguística Geral* (1941) é considerada um marco na introdução dos fundamentos teóricos saussurianos no Brasil. Embora Joaquim Mattoso Câmara Jr. seja reconhecido como a principal figura na mediação das ideias de Saussure no país, sua trajetória acadêmica foi marcada por dificuldades institucionais e resistências no ambiente universitário da época. Nesse sentido, como aponta Flores (2024, p. 557):

[...] é importante destacar dois aspectos sobre Mattoso Câmara: primeiro, ele foi profundamente influenciado pelo russo Roman Jakobson, com quem estudou em 1942, e essa influência moldou sua interpretação de Saussure nos quadros do que ficou conhecido como ‘estruturalismo saussuriano’; segundo, sua atuação nas Faculdades de Letras brasileiras foi limitada, pois passou grande parte de sua carreira ensinando em escolas secundárias, o que dificultou a difusão de suas ideias em meio a abordagens mais tradicionais, já consolidadas. Suas propostas não

alteraram de forma significativa o cenário acadêmico da época. (Flores, 2024, p. 557)

Essa constatação é fundamental para compreender por que, apesar da relevância teórica do CLG e da atuação pioneira de Mattoso Câmara Jr., o pensamento saussuriano ainda encontra diferentes recepções e maneira diversas de como essa teoria será implementada nos currículos universitários até os dias atuais.

Mattoso Câmara Jr. se destaca, nas palavras de De Lemos *et al* (2003, p. 172) como o “[...] único introdutor não europeu do pensamento saussuriano na América Latina”, uma distinção que o diferencia de outros linguistas como Amado Alonso e Eugenio Coseriu, que trouxeram perspectivas europeias para a região. Após sua formação nos Estados Unidos, Mattoso Câmara Jr. retornou ao Brasil e aplicou as ideias de Saussure à descrição do português e das línguas indígenas brasileiras, marcando uma abordagem singular no contexto sul-americano.

De Lemos *et al.* (2003, p. 171) enfatizam que “O grande mérito de Saussure teria sido organizar o campo dos estudos linguísticos separando as abordagens descritivas dos estudos da mudança linguística”<sup>13</sup> (De Lemos *et al.*, 2003, p. 171, tradução nossa), e Mattoso incorporou essa visão ao priorizar a “linguística estática/sincrônica que envolve o exercício de análise descritiva”<sup>14</sup> (De Lemos *et al.*, 2003, p. 172, tradução nossa). Em seus escritos, Mattoso enfatiza a concepção de língua como sistema de signos, articulada ao conceito de valor, um dos pilares fundamentais do pensamento de Saussure. Como ressalta o próprio Saussure: “[...] na língua não há mais do que diferenças sem termos positivos” (Saussure, 2006, p. 133), ou seja, os signos não possuem valor por si mesmos, mas apenas em relação às diferenças que mantêm entre si dentro do sistema linguístico.

Ao incorporar esses pressupostos teóricos, Mattoso Câmara Jr. reforça a descrição sincrônica da língua, posicionando-se de forma crítica diante da tradição neogramática. Nesse sentido, nos apoiamos no trabalho de Matos e Brito (2009) que destacam:

Câmara ainda informa [...] que Saussure complementa os estudos dos neogramáticos na evolução linguística, uma vez que ele, em detrimento do que fizera Hermann Paul, negando o caráter científico da descrição do funcionamento da linguagem em recortes estáticos, considerou a importância do estudo descritivo para o fenômeno sincrônico que defendia firmemente (Matos; Brito, 2009, p. 166).

O princípio que estrutura essa abordagem reside justamente na compreensão da língua

<sup>13</sup> No original: "le grand mérite de Saussure aurait été celui d'organiser le champ des études linguistiques en séparant les approches descriptives des études de changement linguistique".

<sup>14</sup> No original: "linguistique statique/synchrone qui comporte l'exercice de l'analyse descriptive".

como um sistema de signos. Como sintetiza Mattoso Câmara Jr., ao retomar o pensamento saussuriano: “Cada um desses elementos linguísticos é arbitrário em referência à representação mental a que corresponde. Simboliza essa representação por uma convenção tácita do ambiente social, sem ser motivado pela ideia de que comunidade e nele se integra” (Câmara Jr., 1964, p. 29).

Outro aspecto da teoria saussuriana incorporado por Mattoso Câmara Jr. diz respeito à distinção entre os estudos sincrônicos e diacrônicos. Saussure inaugura a ideia de que ambas as abordagens são legítimas, mas devem ser tratadas como objetos teóricos distintos. Portanto, mesmo antes da publicação oficial do CLG em português, a teoria de Saussure já desempenhava um papel na constituição do campo linguístico no Brasil, sendo difundida em produções como as de Mattoso Câmara Jr.

No entanto, outras áreas da linguística questionam alguns pontos da teoria saussuriana, principalmente questões que envolvam o funcionamento da língua. Dessa forma, questionamo-nos se uma possível ausência da teoria de Saussure em parte dos programas não decorre menos de uma rejeição direta e mais de um reposicionamento teórico que privilegia outras abordagens, nas quais a teoria saussuriana já aparece demarcada como um conhecimento superado ou restrito ao papel de marco histórico da Linguística. Nessa perspectiva, a obra de Saussure tende a ser compreendida mais como um ponto de partida para o desenvolvimento da disciplina do que como um referencial teórico ainda produtivo para as discussões contemporâneas. Como observa Marcuschi (2016) "as releituras de Saussure ainda são incipientes" Marcuschi (2016, p. 7), o que contribui para a permanência de uma leitura predominantemente histórica, frequentemente associada a uma influência limitada da teoria saussuriana, como ilustra o excerto a seguir

Na teoria linguística, com Saussure [e outros], deslocava-se a visão da cultura para o sistema. [...] O ensino de língua capitaliza esta visão popularizando-a nas gramáticas pedagógicas com o predomínio do ensino da gramática, esquecendo até mesmo a Literatura em muitos casos. É o triunfo da ideia da língua como sistema de regras, que poderia ser estudada imanentemente já que teria um determinado grau de estabilidade interna, estruturação e imanência significativa (Marcuschi, 2016, p. 15).

O autor então nos demonstra uma leitura tida como “tradicional” das ditas dicotomias saussurianas, ressaltando a sua opinião sobre a “noção de língua como sistema de regras”, considerando-a como desvinculada da “produção concreta e histórica”, o que, é uma tentativa de explicação para as resistências de uso da teoria saussuriana em campos voltados à linguagem em uso. Essa tensão entre a herança saussuriana e perspectivas que privilegiam a historicidade e a materialidade social da linguagem explica, em parte, o reposicionamento

contemporâneo de Saussure nos programas de pós-graduação, onde seu legado é revisitado criticamente, em diálogo com concepções que ressaltam dimensões sociais, históricas e políticas da língua.

Dessa forma, torna-se evidente que a circulação das ideias saussurianas no Brasil não pode ser entendida como mero desdobramento da tradução oficial de sua obra. Trata-se de um processo de recepção ativa, no qual o pensamento saussuriano está sendo reinterpretado e ressignificado para responder às demandas científicas, pedagógicas e institucionais que moldaram a formação acadêmica em linguística no país.

A relação entre Mattoso Câmara Jr. e Ferdinand de Saussure é fundamental para compreender sua contribuição à linguística brasileira. Mattoso Câmara Jr. foi profundamente influenciado pela teoria de Saussure, que via a língua como uma “estrutura, ou rede complexa, mas regularmente traçada, de fatos que se relacionam e se opõem em configurações muito nítidas que ao linguista cabe depreender” (Baldini, 2005, p. 118). Essa visão é evidente em sua definição de gramática como equivalente à linguística sincrônica de Saussure: “O que é Gramática? É aquilo que Saussure chama de Linguística Sincrônica” (Baldini, 2005, p. 93).

A apropriação das ideias de Saussure por Mattoso permitiu-lhe romper com a visão normativa predominante, que tratava a língua como um conjunto de regras prescritivas. Em vez disso, ele enfatizou a língua como um sistema de relações, onde os elementos ganham significado por sua interação dentro da estrutura. Essa perspectiva é clara em sua obra, que, segundo Baldini, “não se limita a buscar o melhor nome para a coisa designada”, mas sim aborda “o problema da teoria” (Baldini, 2005, p. 107). Essa abordagem teórica, inspirada em Saussure, posiciona a linguística como uma ciência autônoma, distinta das práticas gramaticais tradicionais.

Essa mudança de perspectiva, que desloca o foco da normatividade para o funcionamento interno da língua, revela não apenas a influência direta do pensamento saussuriano na obra de Mattoso, mas também sua intenção de instaurar um novo paradigma de análise linguística no Brasil. Ao adotar a língua como objeto científico, ele inaugura uma tradição de ensino que se distancia da gramática normativa e se aproxima da sistematicidade da língua enquanto objeto relacional. Essa reflexão teórica se consolida especialmente em *Princípios de Linguística Geral* (1941), obra em que Mattoso Câmara Jr. introduz alguns dos principais conceitos do CLG, como a arbitrariedade do signo, a relação entre língua e fala e a relação entre sincronia e diacronia. Ao comentar esses fundamentos, afirma:

Foi o reconhecimento [entre *langue/parole*] dessa verdade que se cristalizou na

doutrina, hoje clássica, do mestre suíço. A ‘língua’ (langue) constitui o lado social da linguagem, o conjunto de hábitos linguísticos adquiridos e impostos ao falante pela coletividade (Câmara Jr., 1964, p. 24).

No excerto acima evidenciamos como o autor aproxima-se da concepção de língua como fato social, ancorada em um funcionamento coletivo. A recepção de Saussure por Mattoso, no entanto, não é meramente descritiva.

Mattoso Câmara Jr. ganha ainda mais relevância, mesmo antes da chegada da tradução oficial do CLG, já operava com os conceitos saussurianos em sua prática acadêmica e pedagógica, como mostramos acima. Outra obra importante é a *Estrutura da Língua Portuguesa* (1970), lançada no mesmo ano da tradução brasileira do CLG, na qual se retoma conceitos como sistema, pilar da teoria saussuriana, aplicando-os ao português brasileiro. A esse respeito, Mattoso Câmara Jr. afirma:

[...] visto que na língua ‘tudo é oposição’, como sabemos desde Saussure [...], o coletivo pressupõe sempre em português, como em qualquer outra língua, a existência do conceito e do nome para os indivíduos componentes homogêneos (Câmara Jr., 2004 [1970], p. 91)

A atuação de Mattoso Câmara Jr. também foi institucional. Baldini (2012, p. 4) observa que, “embora Mattoso tenha iniciado uma longa e ininterrupta obra que marcou a formação da Linguística no Brasil, de um ponto de vista institucional sua posição nunca esteve assegurada” (Baldini, 2012, p. 4). A trajetória profissional de Mattoso inclui passagens por diversas instituições, tendo atuado como professor em escolas particulares, como professor de Português no Colégio Pedro II e, posteriormente, como professor de Linguística na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (Baldini, 2012, p. 4).

Entre os marcos institucionais de sua trajetória, Baldini (2012) destaca a organização do “Setor Linguístico” no Museu Nacional, em 1958, considerado um avanço significativo para a institucionalização da linguística no Brasil (Baldini, 2012, p. 4). Além disso, Mattoso esteve à frente da criação de uma disciplina de Linguística Geral já na década de 1930 e foi um dos responsáveis pela fundação da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), em 1969, consolidando sua atuação na formação de uma nova geração de linguistas (Baldini, 2012, p. 4). Tais iniciativas evidenciam seu empenho na consolidação da linguística como um campo científico, ainda que sob desafios institucionais.

No que se refere ao seu legado intelectual, Baldini (2005) caracteriza Mattoso Câmara Jr. como um “lingüista que era gramático” (Baldini, 2005, p. 115), enfatizando que sua obra representou uma transformação fundamental na forma de se escrever sobre a linguagem: um deslocamento da abordagem gramatical tradicional para uma perspectiva científica e

sistemática.

Essa trajetória intelectual demonstra que a recepção do CLG no Brasil não se deu de forma passiva. Pelo contrário, ela foi reinterpretada à luz de demandas locais de institucionalização e de construção de uma tradição científica própria. O papel de Mattoso Câmara Jr., nesse contexto, foi o de um mediador entre a tradição europeia e os anseios formativos brasileiros, como vimos em De Lemos *et al.* (2003). Sua contribuição ainda ressoa nos manuais de Linguística, nos currículos universitários e nos discursos sobre o ensino da linguagem nas universidades públicas do país.

No contexto dos estudos linguísticos contemporâneos, há uma tendência em considerar a teoria saussuriana como um marco histórico, mas não necessariamente como um referencial teórico ainda produtivo. Salum já nos declara isso em seu prefácio à edição brasileira:

Se é verdade que a Linguística moderna vive um momento de franca ebulição, quando corifeus de teorias linguísticas numa evolução rápida de pensamento e investigações se vão superando a si mesmos, quando não são "superados" pelos seus discípulos, o Cours de linguistique générale é um livro clássico (Salum, 2006, p. 14).

O CLG ocupa, de fato, um lugar de destaque no cânone da Linguística, sendo praticamente impossível dissociá-lo de seu caráter clássico e fundacional. Contudo, concordamos ainda com Salum (2006) ao destacar que:

Não é uma "bíblia" da Linguística moderna, que dê a última palavra sobre os fatos, mas é ainda o ponto de partida de uma problemática que continua na ordem do dia. Nunca Saussure esteve mais presente do que nesta década, em que ele é às vezes declarado "superado". Só há, porém, um meio honesto de superá-lo: é lê-lo, repensar com outros os problemas que ele propôs, nas suas célebres dicotomias: língua e fala, diacronia e sincronia, significante e significado, relação associativa (= paradigmática) e sintagmática, identidade e oposição etc. (Salum, 2006, p. 15).

A reflexão de Salum, resume com precisão, o desafio teórico que se impõe ao pesquisador contemporâneo: ler Saussure não como um autor encerrado em sua época, mas como um ponto de partida para questões que ainda mobilizam a Linguística atual. A permanência do mestre genebrino na ordem do dia, mesmo quando proclamado "superado", é sinal da força e da vitalidade de suas proposições, cuja complexidade continua a provocar releituras no interior das ciências da linguagem.

Dessa maneira, destacamos a importância de se deter a leitura de Saussure com base em suas categorias centrais, não como dogmas inquestionáveis, mas como conceitos abertos ao confronto epistemológico e à reinterpretação. Se é verdade que sua obra inaugurou uma nova forma de pensar a linguagem, também é verdade que seu legado está longe de ser um

monumento imóvel. Ao contrário: o CLG é um texto em movimento, que desafia sucessivas gerações a pensar, mais do que a repetir. Nesse sentido, a obra de Saussure pode ser compreendida como um clássico, não apenas por seu valor fundacional, mas por sua inesgotável capacidade de renascer a cada leitura. Duarte *et al.* (2008, p. 195) destacam a inesgotável fonte do novo que encontramos em um clássico:

Note-se que não é abandonada, aqui, a pretensão clássica à permanência. Mas o que permanece é virado de ponta-cabeça: não mais o velho, e sim o novo. Não é a garantia da perpetuação daquilo que foi e será do mesmo jeito que permanece numa obra clássica, mas, ao inverso, é a própria novidade que, neste sentido, está sempre guardada na obra clássica. Por isso, não nos cansamos de retornar aos clássicos. Mas não por obrigação erudita, pois “os clássicos não são lidos por dever ou por respeito, mas só por amor”, como frisou Italo Calvino. É que, a cada vez que voltamos, lá está o novo pronto para ser e renascer, já que os clássicos nunca se concluem de todo, permanecendo num positivo inacabamento, que resulta em sua inesgotabilidade. Na contramão das novidades rasteiras de nosso mundo pós- moderno, que chegam com a mesma velocidade que vão, os clássicos são a paradoxal existência da novidade que não se esvai. Se hoje em dia abundam as novas obras que já nascem velhas, os clássicos são, pelo contrário, as velhas obras nas quais o novo não cessa de nascer (Duarte *et al.*, 2008, p. 195).

Assim, retornar a Saussure é também reencontrar o novo: revisitar uma teoria que permanece viva porque nunca se encerra em si mesma, abrindo-se constantemente ao presente e aos questionamentos que este lhe dirige. Com base nessas reflexões sobre a recepção e a circulação do pensamento saussuriano na contemporaneidade, torna-se necessário deslocar o olhar para os espaços concretos onde esse pensamento é (ou não é) mobilizado na formação de profissionais da linguagem. Nesse sentido, a análise dos documentos institucionais dos cursos de Letras nos permite identificar como a teoria de Saussure é inserida, transformada ou silenciada nos currículos universitários. A seguir, apresentamos a nossa coleta desses dados, com foco a delinear o panorama atual da presença da teoria saussuriana na formação do profissional da linguagem.

### 3 A LÍNGUA É UM SISTEMA: UMA LEITURA SAUSSURIANA FRENTE AOS MANUAIS

*Saussure está condenado a ser acessível apenas pela floresta de comentários e pelo quebra-cabeça de fragmentos reencontrados?*

(Claudine Normand)

#### 3.1 Introdução

Esta seção inscreve-se no eixo principal que orienta a presente dissertação, pois toma como ponto de partida nossa seguinte pergunta norteadora: qual o percentual de menções ao CLG no levantamento bibliográfico realizado? Tal pergunta, ancorada na importância atribuída ao pensamento de Saussure no campo da Linguística, orientou, em um primeiro momento, nossa busca direta por essa obra (o CLG) nas bibliografias analisadas, o que, no entanto, revelou uma presença significativamente reduzida. Diante desse resultado, procedeu-se a um deslocamento em direção a autores especializados na tradição saussuriana, na expectativa de que a circulação de seus textos pudesse indicar formas indiretas de incorporação desse referencial teórico; também nesse caso, contudo, os dados mostraram-se pouco expressivos.

É nesse contexto que se delineia o movimento que conduz à última etapa da investigação: considerando as bibliografias inseridas nos planos das disciplinas disponíveis, tornou-se necessário voltar o olhar para os Manuais de Linguística, compreendidos aqui não como ponto de partida, mas como resultado de um percurso investigativo marcado por sucessivos deslocamentos. Assim, o não encontro daquilo que se havia inicialmente hipotetizado não se configura como um impasse metodológico, mas como um dado analiticamente produtivo, que passa a integrar o próprio objeto de reflexão. É precisamente a partir dessa tensão, entre a busca pela teoria em fontes originárias, e, sua presença rarefeita nas bibliografias explicitamente indicadas, que se estrutura a análise desenvolvida nesta seção, no qual se buscará compreender, com base nos dados levantados, como se configura a abordagem da teoria saussuriana nos cursos de Letras, de forma a investigar como seus conceitos estão sendo retratados.

#### 3.2 A busca pelo CLG nos planos de disciplina: um percurso metodológico

Este item tem por objetivo apresentar e problematizar os dados que fundamentam esta

pesquisa. Nesse sentido, busca-se tornar visíveis os modos de circulação do CLG nas bibliografias das disciplinas de linguística, de modo a buscar como essa obra é apresentada nos programas analisados.

Para tanto, o levantamento organiza-se a partir de dois eixos complementares: de um lado, a identificação da frequência com que o CLG é diretamente indicado como leitura; de outro, quais seriam os outros meios de incidência da teoria saussuriana nessas bibliografias. Ao articular esses dois planos, pretende-se não apenas descrever um conjunto de dados, mas instaurar um campo de problematização acerca das formas pelas quais a teoria saussuriana é transmitida no âmbito da formação em nível de graduação.

Do ponto de vista teórico-metodológico, trata-se de uma pesquisa essencialmente documental. A constituição do *corpus* representou uma etapa extensa da pesquisa, demandando mapeamento, coleta, organização e sistematização de documentos institucionais provenientes de todas as universidades federais brasileiras que ofertam o curso de Letras: Língua Portuguesa em habilitação única. A escolha desse recorte fundamenta-se no interesse em compreender como a teoria saussuriana é formalmente integrada à formação dos futuros profissionais da linguagem, precisamente no âmbito da sua formação no ensino superior.

Para isso, o primeiro movimento consistiu em identificar, por meio de consulta ao portal do Ministério da Educação (MEC) e aos *sites* institucionais das Instituições Federais de Ensino Superior (IFES), quantas e quais universidades federais oferecem o curso de Letras com habilitação exclusiva em língua portuguesa. Esse passo foi indispensável para delimitar o a análise e garantir que o corpus contemplasse a totalidade das instituições que se enquadram nos critérios estabelecidos. Uma vez identificadas as universidades, procedeu-se ao acesso individualizado aos seus respectivos *sites*, buscando localizar, primeiramente, os Projetos Pedagógicos de Curso disponíveis (PPCs) e catalogados nos últimos 20 anos (2005–2025).

A utilização dos PPCs como fonte primária de dados não apenas se justifica, mas se impõe como estratégia metodológica fundamental para nossa investigação, pois, a partir dela, visamos compreender a presença institucional da teoria linguística durante a formação docente. Os PPCs constituem documentos oficiais, elaborados por comissões de curso e aprovados por conselhos universitários, que estabelecem os fundamentos pedagógicos da formação. São, portanto, instrumentos para identificar não apenas as disciplinas que compõem a matriz curricular, mas também os objetivos gerais do curso, o perfil de formação esperado, os princípios norteadores, as habilidades e competências enfatizadas e, sobretudo, a organização da área de Linguística.

Na sequência, iniciamos a etapa de coleta dos planos das disciplinas da área de

Linguística. Esse movimento ocorreu individualmente em cada *site* institucional, seguindo este procedimento: ao acessar o PPC, verificou-se a existência da matriz curricular integrada ao documento ou vinculada por meio de anexos; quando não disponível diretamente no PPC, buscou-se o plano de disciplina no sistema acadêmico ou no portal de graduação da universidade. A análise dos planos justifica-se, pois são neles que se encontram explicitados os conteúdos programáticos, as referências bibliográficas e as orientações conceituais que, supostamente, orientam o ensino de linguística. Nesse sentido, a presença do CLG e de outras fontes podem ser verificadas diretamente, operando como indicador qualiquantitativo de nossa pesquisa.

Para a análise, priorizaram-se as disciplinas obrigatórias da área de Linguística, uma vez que estas concentram a maior parte da formação teórica dos estudantes e garantem que certos conteúdos sejam efetivamente ministrados. As disciplinas optativas, por sua vez, foram registradas, mas não integraram o núcleo da análise, por não comporem a formação mínima obrigatória.

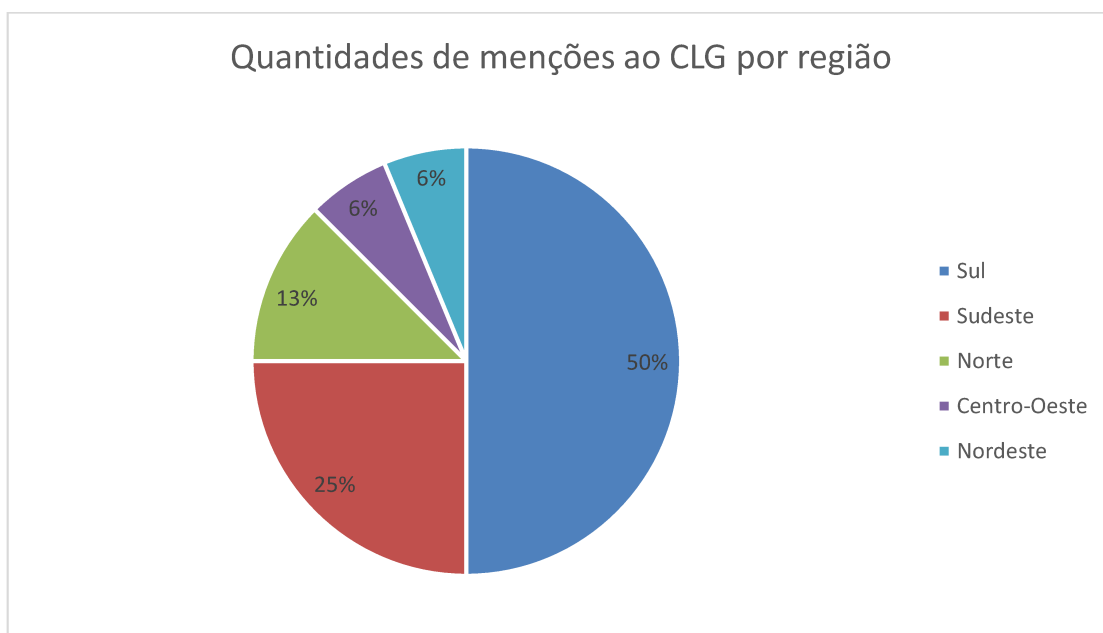
É importante reconhecer as limitações inerentes ao método adotado. A principal limitação reside no fato de que a análise se restringe aos documentos formais disponibilizados pelas universidades, que nem sempre refletem fielmente a prática docente cotidiana. A presença ou ausência do CLG nos planos de ensino não garante, por si só, que tais obras sejam efetivamente utilizadas ou discutidas em sala de aula. Além disso, alguns PPCs encontram-se desatualizados ou incompletos, o que pode limitar a precisão de determinadas análises. O recorte exclusivamente voltado à graduação impede também uma visão mais ampla da circulação contemporânea do pensamento saussuriano na pós-graduação, que ultrapassa os objetivos desta pesquisa.

Conforme os dados quantitativos alcançados, o CLG foi identificado em 15 das 210 disciplinas mapeadas, o que representa uma incidência de 7,21% sobre o corpus total<sup>15</sup>. No Gráfico 1, a seguir, demonstramos o mapeamento do CLG em bibliografias de instituições brasileiras, categorizadas por regiões demográficas, a fim de demonstrar em quais regiões tivemos essa obra registrada como bibliografia básica.

---

<sup>15</sup> Em função da extensão e do volume de dados coletados nesta pesquisa, as tabelas completas foram organizadas em um apêndice eletrônico externo, garantindo a transparência e a reprodutibilidade dos dados sem comprometer a fluidez da leitura textual. O conjunto completo de dados pode ser consultado na íntegra por meio do Apêndice A – Repositório eletrônico de dados encontrado ao final deste trabalho.

**Gráfico 1 – Demonstração demográfica das menções do CLG nas bibliografias básicas**



**Fonte:** Elaboração própria.

A distribuição regional apresentada no gráfico revela uma concentração das menções ao CLG nas bibliografias básicas dos planos de disciplina da região Sul, seguida pela região Sudeste. Esse dado adquire maior relevância quando articulado à discussão desenvolvida na Seção 2, em que evidenciamos como a constituição das universidades brasileiras ocorreu de maneira desigual entre as diferentes regiões do país, conferindo maior centralidade a determinados estados e instituições. Assim, a predominância observada nessas regiões não parece ser um fenômeno isolado, mas dialoga com esse processo histórico de consolidação do ensino superior brasileiro. No conjunto dos IFES analisadas, o CLG foi identificado nas bibliografias básicas das disciplinas da UFSC, FURG, UFOP, UFRA, UFT, IFCE, UFRR, UFU, UFLA, UFSM e UTFPR, compondo o panorama representado no gráfico.

Embora o CLG seja considerado por nós, e outros autores como Silveira (2007) como um marco importância para a consolidação da linguística moderna, e deva permanecer como uma referência basilar para a área, sua presença nas bibliografias básicas de graduação mostra-se reduzida quando comparada à adoção de Manuais de Linguística. A seguir, no Quadro 1, demonstramos quais foram os manuais de linguística mais mencionados nas bibliografias básicas das 210 disciplinas analisadas.

**Quadro 1** - Os manuais de linguística mais mencionados nas bibliografias básica

| <b>Manuais de linguística referenciados nas bibliografias básicas</b>                                 | <b>Citações</b> |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------|
| FIORIN, J. L. (Org.). Introdução à Linguística I: Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.        | 28              |
| MARTELOTTA, M. E. Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.                                   | 23              |
| MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2021. | 18              |
| FIORIN, J. L. (Org.). Introdução à Linguística II: Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003.  | 5               |
| BORBA, F. Introdução aos estudos linguísticos (2008)                                                  | 3               |
| Total de referências individuais de cada obra (contando cada menção, mesmo que repetida).             | 77              |

**Fonte:** Elaboração própria.

Para fins de análise comparativa de nosso estudos, optamos por selecionamos os três manuais mais mencionados nas bibliografias dos documentos consultados, sendo eles os organizados por: Fiorin (2002) com 28 menções (13,46%), seguido pela obra organizada por Martelotta (2008), com 23 ocorrências (11,06%), e a organizada por Mussalim e Bentes (2021), que figura em 18 disciplinas (8,65%). Somadas, estas três obras totalizam 69 ocorrências nas ementas analisadas. Ao confrontarmos o aparecimento do CLG especificamente em relação a este bloco de manuais, observa-se que a obra de Saussure detém uma proporção de apenas 17,86% das menções, contra 82,14% da somatória dos três manuais.

Tais índices sugerem uma tendência de substituição do texto fonte (o CLG) por manuais que reúnem diversas correntes teóricas. Essa predominância dos manuais (69 menções vs. 15 do CLG) indica que, no contexto das disciplinas de graduação analisadas, prioriza-se o uso do manual, nos fazendo refletir o seu papel na formação do profissional da linguagem. Desta maneira nos questionamos: seria o manual um facilitador no processo de ensino-aprendizagem? Como a teoria saussuriana está sendo representada neles? As obras autorais teriam perdido sua função, e se estabeleceram como instrumento de consulta?

Nos itens que se seguem, nos dedicaremos ao exame detalhado dessa problemática. Primeiramente, buscaremos esclarecer a função pedagógica e institucional do manual didático no ensino superior. Em um segundo momento, procederemos à análise das obras selecionadas, Fiorin (2002), Martelotta (2008) e Mussalim e Bentes (2021), analisando de que forma os

conceitos saussurianos são apresentados. Por meio desse percurso, pretende-se evidenciar o impacto dessas escolhas bibliográficas na configuração do saber linguístico nos cursos de graduação.

### 3.3 O Manual de Linguística nos estudos saussurianos

Como evidenciado no item anterior, o levantamento realizado indicou uma baixa incidência do CLG nas bibliografias das disciplinas analisadas, em contraste com a presença significativamente mais expressiva de Manuais de Linguística. Esse dado, que inicialmente se apresentou como um descompasso em relação à hipótese que orientava a pesquisa, passa a desempenhar um papel estruturante no encaminhamento analítico aqui adotado. Com efeito, se, em um primeiro momento, os manuais não constituíam o foco da investigação, sua recorrência nos materiais analisados impôs a necessidade de tomá-los como objeto de reflexão.

Dessa forma, o deslocamento em direção aos manuais não decorre de uma escolha prévia, mas de um movimento analítico orientado pelos próprios dados, na medida em que esses materiais se configuram como possíveis vias de entrada e mediação da teoria de Saussure no contexto da graduação. Nesse sentido, passa-se, a seguir, à discussão dos manuais enquanto gênero, com o objetivo de compreender sua função, sua circulação e seu papel na organização e transmissão dos saberes linguísticos no meio acadêmico.

A função dos manuais de linguística nos estudos saussurianos fora primeiramente destacada por Silveira (2016), cuja pesquisa intitulada “Saussure à brasileira” analisa o modo como os conceitos saussurianos foram incorporados em manuais didáticos publicados no Brasil entre as décadas de 1930 e 1980. Essa perspectiva nos permitiu compreender como o pensamento linguístico saussuriano se consolidou no Brasil a partir de possíveis reinterpretações situadas nos manuais daquela época, como vemos no excerto a seguir:

A própria natureza de um manual pode, de fato, ter inibido que uma questão epistemológica fosse apresentada, entretanto a oscilação dessa presença/ausência nos indicava que não era apenas a natureza da publicação que determinava a omissão ou não dessa questão. O exame dos manuais mostrou que há um traço, mesmo que tênue, da leitura brasileira que incide em sua escrita e no qual se constata uma mudança indicativa do efeito da conjuntura histórico-intelectual brasileira na leitura do CLG (Silveira, 2016, p. 203).

Nessa direção, torna-se fundamental considerar que a própria natureza do manual pode impor limites à explicitação de questões epistemológicas. Desta maneira, alguns aspectos teóricos possam ser atenuados ou silenciados, a oscilação entre presença e ausência dessas

questões revela que tais materiais são atravessados por condições históricas e intelectuais específicas.

O exame dos manuais, nesse sentido, pode evidenciar a inscrição de uma leitura situada que incide sobre a forma como CLG é apropriado, interpretado e reconfigurado no interior desses textos. É a partir dessa perspectiva que se justifica, portanto, a necessidade de discutir os manuais enquanto gênero, buscando compreender sua função, sua circulação e seu papel na produção e transmissão do conhecimento linguístico no contexto acadêmico brasileiro. Nesse quadro, a abordagem proposta por Batista (2012) mostra-se particularmente produtiva para o aprofundamento dessa discussão, pois em seu estudo o autor investiga o gênero manual a partir de uma perspectiva histórica e discursiva, evidenciando que:

O gênero manual didático apresenta algumas particularidades, sobretudo porque ele é uma forma de ação social, elaborada por uma cultura específica, tendo em vista a comunicação e interação entre indivíduos com propósitos delimitados, direcionadores do contato entre gênero e seus usuários (Batista, 2012, p. 134).

Tal perspectiva permite problematizar a aparente transparência desses textos, evidenciando que sua retórica, sua organização interna e suas formas de apresentação podem contribuir para a construção de uma imagem estabilizada e homogênea da ciência, sendo reflexo de um só grupo, o que pode ocasionar em silenciamentos sobre os contextos históricos que permeiam o campo científico da Linguística, como vemos a seguir:

O manual, por meio de sua retórica, metalinguagem e formas de apresentação, organiza e difunde uma imagem ideal de ciência e de pesquisador, projetando para o leitor e seu autor uma visão universal, integral e praticamente inquestionável para o texto produzido que, por ser objeto do processo pedagógico, cria um espaço atemporal, não consciente da história e das formulações e reformulações pelas quais o conhecimento passa. **Indefinições, rupturas, discussões e revisões de temas de uma área não fazem parte**, pelo menos na visão tradicional, do discurso do manual, **que provoca um apagamento das controvérsias e funciona como discurso homogêneo**, transmitindo a contento, portanto, a imagem ideal de cientificidade que um grupo quer ver próxima a ele na divulgação de suas ideias (Batista, 2012, p. 136, grifo nosso).

Embora, como vimos, a natureza do gênero manual imponha certos limites à exploração aprofundada de questões epistemológicas, eles ainda aparecem em maior número dentro das bibliografias dos planos de aulas analisados. Isso no faz refletir de que maneira esse veículo didático pode ser favorável para o ensino de Linguística no Brasil. Temos como hipótese a questão de que os manuais geralmente são vistos como facilitadores dessas teorias, por fornecerem uma possível leitura mais fluída e uma escrita dirigida aos estudantes. É comum observarmos frases nos manuais se referindo diretamente aos estudantes, como:

Nesse sentido, resolvemos juntar esforços para **elaborar um manual que nos fornecesse meios mais eficazes de executar a difícil tarefa de introduzir informações básicas acerca de uma ciência que é inteiramente desconhecida para a imensa maioria dos estudantes brasileiros que ingressam em uma universidade**, além de apresentar uma série de discussões acerca da natureza da linguagem que ajudarão na formação desses alunos no decorrer de sua graduação (Martelotta, 2008, p. 7).

Ou:

Com esta obra, pretendemos, antes de mais nada, **encantar os estudantes de Letras para a ciência linguística**, mostrando-lhes, como disse Confúcio, nos Analetos, que, sem conhecer a linguagem, não há como conhecer o homem. Ao mesmo tempo, pretendemos indicar-lhes que, sem conhecer a Linguística, não há como conhecer a linguagem, não há como decifrar seus mistérios, não há como revelar sua epifania. O objetivo de nosso trabalho é que o aluno, ao final do curso, tenha desejo e meios de conhecer mais a respeito da linguagem humana (Fiorin, 2002, p. 6).

Essa escolha discursiva se faz presente nos manuais de linguística, de forma a representar uma certa neutralidade em seu discurso e um diálogo direto, declarando claramente para quem se faz esse conteúdo (os estudantes). Entretanto, Batista (2012) destaca que os manuais, ao serem escritos e difundidos por comunidades de especialistas, atuam como veículos de transmissão de programas de investigação e de consolidação de teorias científicas. O autor assim afirma: “a escrita de manuais de introdução ao pensamento de um grupo é crucial para que novas gerações sejam ‘seduzidas’ pela linguagem adotada por uma comunidade de pesquisadores” (Batista, 2012, p. 134). Isto se dá justamente pela construção de uma linguagem de aparente neutralidade, como demonstrada nas citações anteriores, que tendem a apresentar os conceitos de forma a conferir estabilidade e legitimidade a determinadas abordagens.

As reflexões em torno dos gêneros dos manuais nos fazem, de certa forma, retornarmos para nossa pergunta norteadora de pesquisa: como Saussure é lido na graduação? Evidenciamos, com base em nosso corpus, que essa leitura é feita em sua maioria por meio dos manuais, fazendo então surgir outra questão: Por que a teoria saussuriana não é lida em uma de suas fontes primárias (como o CLG)? Normand (2009) embasa a nossa questão:

Uma leitura do conjunto do *Cours*, se é que ela é possível, nunca foi encorajada; contenta-se, o mais frequentemente, com extratos que ilustram uma apresentação comentada. Essa situação não foi imposta nem pela dificuldade nem pela extensão do texto; ela remete escolhas editoriais que têm, como consequência lamentável, desencorajar essa primeira leitura de exploração pessoal que seria corrente nos anos de descoberta do estruturalismo. Não seria mais interessante ler o *Cours* diretamente, como muitos de nós o fizemos na surpresa da novidade e com a ingenuidade da ignorância, e como, depois de muito tempo, foi possível fazê-lo com Foucault, Freud e tantos outros? (Normand, 2009, p. 17-18).

A autora problematiza o que nossos dados coletados demonstram. A leitura da teoria

saussuriana, em sua grande parte, é feita por intermédio de outra obra, fazendo com que o CLG lute por um espaço de legitimação de sua própria utilização enquanto obra autoral.

Assim exposto, ao longo das próximas seções propomos examinar como algumas das noções consideradas basilares na teoria saussuriana são apresentadas nos manuais de linguísticas selecionados. Para a seleção dessas noções tomamos como base a perspectiva apresentada Normand (2009, p. 49) na primeira parte de sua obra no capítulo intitulado “O objeto língua” sendo consideramos dois eixos principais: a) a língua como sistema e b) a língua é social.

Os manuais analisados serão: a) Introdução à Linguística I: Objetos teóricos, organizado por José Luiz Fiorin (2002), o qual se organiza em onze capítulos, que percorrem desde noções iniciais sobre linguagem, língua e linguística, como aquisição da linguagem e análise textual; b) Manual de Linguística, organizado por Mario Eduardo Martelotta (2008), estruturado em três grandes partes, conforme sua proposta editorial: a primeira, “Linguística e linguagem”, apresenta conceitos introdutórios sobre a linguagem, sua história, gramática e estrutura; a segunda, “Abordagens linguísticas”, discute as principais correntes teóricas do século XX, como estruturalismo, gerativismo, funcionalismo, sociolinguística e linguística textual; e, por fim, a terceira parte, “Aquisição, processamento e ensino”, trata da interface entre linguagem, cognição e práticas pedagógicas; c) Introdução à linguística: domínios e fronteiras (2001), organizado por Fernanda Mussalim e Ana Christina Bentes. Utilizaremos o volume I<sup>16</sup>, que é dividido em sete capítulos, contemplando temas como Sociolinguística, Linguística Histórica, Fonética, Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Linguística Textual. Cada capítulo foi elaborado por autores distintos, com trajetórias acadêmicas diversas, permitindo uma abordagem multifacetada dos conteúdos introdutórios. Nossas análises se concentraram no capítulo em que mais se debate a teoria saussuriana, sendo este o “Sociolinguística – Parte II” (Mussalim; Bentes, 2021, p. 50) com a autoria de Roberto Gomes Camacho, o qual utilizaremos como referência nas partes aqui seguintes.

Pretendemos com nossa reflexão compreender de que forma os manuais atuam não apenas como instrumentos pedagógicos, mas como espaços de circulação da teoria linguística, especialmente no que diz respeito à fortuna crítica de Ferdinand de Saussure na formação do profissional de Letras brasileiro.

---

<sup>16</sup> O volume I da coletânea Introdução à Linguística: domínios e fronteiras, é o mais frequentemente referenciado nos planos de ensino das disciplinas de Linguística nos cursos de Letras. As organizadoras, no entanto, também publicaram os volumes II e III. Este último traz capítulos como: “Estudos pré-saussurianos”, de Carlos Alberto Faraco, e “O estruturalismo linguístico: alguns caminhos”, de Rodolfo Ilari. Contudo, não trataremos desses textos neste momento da pesquisa, uma vez que nosso foco recai sobre os conteúdos mais diretamente presentes nos Planos de Ensino das disciplinas.

### 3.4 Entre o sistema e a estrutura: os rastros da massa social

Propomos, neste item, analisar como os manuais de linguística abordam alguns conceitos saussurianos. Diante da amplitude desse campo teórico, optamos por recortar a análise, concentrando-nos em alguns conceitos considerados centrais. Como dito anteriormente, utilizamos como base para seleção destes conceitos a obra de Normand (2009) no qual a autora em seu capítulo 1 “O objeto língua” (Normand, 2009, p. 49) denomina seus subtítulos iniciais como: “a língua é um sistema” e “a língua é social”.

Nesse sentido, partimos, em um primeiro momento, da análise de como essa máxima (de que a língua é um sistema) se apresenta no CLG, articulando-a com leituras especializadas, como a de Coelho (2015), a fim de estabelecer um quadro de referência que permita, posteriormente, examinar de que maneira essa perspectiva é transmitida nos manuais analisados.

Como ponto de partida para a análise, observemos a definição de língua apresentada no CLG, sendo considerada “[...] a língua, sistema de signos arbitrários, falta essa base, e com ela desaparece todo terreno sólido de discussão; não existe motivo algum para preferir *soeur* a *sister*, ou a irmã, *ochs* a *boeuf* ou boi.” (Saussure, 2012, p. 87). A formulação apresentada permite observar como a máxima saussuriana da língua como sistema de signos é mobilizada, evidenciando a importância das relações entre os elementos na constituição do funcionamento linguístico. Nota-se que a língua é compreendida não como um conjunto de unidades isoladas, mas como uma totalidade organizada, na qual cada elemento adquire sentido em função de sua posição relativa no interior do sistema, que por sua vez é possui o um signo linguístico arbitrário.

Entretanto, essa concepção do sistema linguístico encontra seu desdobramento mais preciso na teoria do valor, uma vez que é nela que se explicita o princípio segundo o qual os elementos da língua não possuem propriedades intrínsecas, ou uma significação positiva em si mesmos, mas obteriam um valor a partir das diferenças que mantêm com os demais signos:

Se a parte conceitual do valor é constituída unicamente por relações e diferenças com os outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo de sua parte material. O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação. (Saussure, [1916] 2012, p. 136-137)

Essa concepção estabelece que os elementos linguísticos são tomados na sua negatividade, isto é, por aquilo que não são. Desse modo, a língua configura-se como um

sistema no qual não há termos positivos absolutos, mas apenas diferenças que se organizam de forma relacional. A partir dessa perspectiva, torna-se possível compreender que a noção de sistema não se restringe a uma organização formal, mas implica um modo específico de conceber o funcionamento do objeto linguístico, centrado nas relações diferenciais que estruturam seu funcionamento.

Com base nesse quadro teórico, delineia-se, então, o ponto de partida para a análise dos manuais, na medida em que se busca observar de que forma essa concepção de língua como sistema de signos é apropriada, apresentada e, eventualmente, reformulada nesses materiais.

Como forma de explicitar e organizar os dados que fundamentam nossa análise, apresentamos, a seguir, um quadro (Quadro 2) que reúne as ocorrências em que os manuais abordam a língua enquanto sistema. A organização dessas citações permite visualizar de modo mais claro a recorrência do eixo interpretativo, evidenciando como a teoria saussuriana é apresentada nesses materiais. Ao longo do texto, algumas dessas citações serão retomadas e analisadas em articulação com nossa discussão teórica, especialmente no que diz respeito às noções de sistema e estrutura, de modo a problematizar os sentidos que lhes são atribuídos nos manuais.

**Quadro 2** - Menções retiradas do conjunto de manuais

| Autor              | Manual                                            | Citação                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|--------------------|---------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Martelott a (2008) | Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008. | Desse modo, o linguista genebrino propunha a impossibilidade de <b>analisar os elementos linguísticos isolados do sistema que eles compõem, ressaltando assim a primazia do todo sobre suas partes</b> . Essa proposta constitui <b>a base de toda a linguística estrutural</b> : aceitando a ideia de que a língua é um sistema, cumpre analisar sua estrutura, ou seja, o modo como esse sistema se organiza. <b>Daí surgiram os termos “gramática estrutural” e “estruturalismo”</b> . (Martelotta, 2008, p. 26 – grifo nosso)                                                                                                                                                                                             |
| Martelotta (2008)  | Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008. | <b>O estruturalismo proposto por Saussure</b> não apenas aponta as diferenças entre essas duas formas de investigação, mas, sobretudo, registra a prioridade do estudo sincrônico sobre o diacrônico. Ou seja, para Saussure, o linguista deve estudar principalmente o sistema da língua, observando como se configuram as relações internas entre seus elementos em um determinado momento do tempo. <b>Esse tipo de estudo é possível porque os falantes não têm informações acerca da história de sua língua e não precisam ter informações etimológicas a respeito dos termos que utilizam no dia a dia</b> : para os falantes, a realidade da língua é o seu estado sincrônico. (Martelotta, 2008, p. 56 – grifo nosso) |
| Martelotta (2008)  | Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008. | <b>Saussure, o precursor do estruturalismo</b> , enfatizou a ideia de que a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente. À geração seguinte coube observar mais                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |

|                          |                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|--------------------------|---------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                          |                                                                           | <b>detalhadamente como o sistema se estrutura: daí o termo “estruturalismo” para designar a nova tendência de se analisar as línguas.</b> (Martelotta, 2008, p. 55 – grifo nosso)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Martelotta (2008)        | Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.                         | [...] ao colocar de lado a parole, Saussure isolou a linguagem dos indivíduos que a utilizam, dando-lhe vida independente. Com isso, o estruturalismo promove <b>a exclusão do sujeito e de sua criatividade para adaptar sua fala aos diferentes contextos, retirando do âmbito dos estudos linguísticos fenômenos socio interativos</b> , que, pelo menos para alguns linguistas modernos, se mostraram fundamentais para a compreensão da natureza da linguagem. (Martelotta, 2008, p. 29 – grifo nosso)                                                                   |
| Martelotta (2008)        | Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.                         | É o que chamamos estudo imanente da língua, o que significa dizer que toda preocupação extralinguística precisa ser abandonada, uma vez que a estrutura da língua deve ser descrita apenas a partir de suas relações internas. Nessa perspectiva, <b>ficam excluídas as relações entre língua e sociedade, língua e cultura, língua e distribuição geográfica, língua e literatura ou qualquer outra relação que não seja absolutamente relacionada com a organização interna</b> dos elementos que constituem o sistema linguístico. (Martelotta, 2008, p. 56 – grifo nosso) |
| Fiorin (2002)            | Introdução à Linguística I: Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002   | A língua é para Saussure “um sistema de signos” – um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. É “a parte social da linguagem”, exterior ao indivíduo; não pode ser São Paulo: modificada pelo falante e <b>obedece às leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade.</b> (Fiorin, 2002, p. 9 – grifo nosso)                                                                                                                                                                                                               |
| Fiorin (2002)            | Introdução à Linguística I: Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002   | A teoria de análise linguística que desenvolveram, herdeira das ideias de Saussure, foi denominada <b>estruturalismo</b> . Os princípios teórico-metodológicos dessa teoria ultrapassaram as fronteiras da Linguística e a tornaram “ciência piloto” entre as demais ciências humanas, até o momento em que se <b>tornou mais contundente a crítica ao caráter excessivamente formal e distante da realidade social da metodologia estruturalista desenvolvido pela Linguística.</b> (Fiorin, 2002, p. 8 – grifo nosso)                                                       |
| Mussalim e Bentes (2021) | Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2021. | Apesar da alegação saussuriana de que a língua é a parte social da linguagem, a <b>separação entre sistema e discurso foi não só mantida, mas até mesmo aprofundada</b> (Mussalim; Bentes, 2021, p. 51 – grifo nosso)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Mussalim e Bentes (2021) | Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2021. | Embora Saussure identificasse a língua com <b>uma instituição social, o estruturalismo inaugurou um objeto que se define justamente pela recusa de levar em conta o que a língua tem de social</b> — ou, pelo menos, o conceito de “social” em Saussure se delimita com o de relações pluri-individuais (Calvet, 2002, p. 31 apud Mussalim; Bentes, p. 51, 2021 – grifo nosso)                                                                                                                                                                                                |

**Fonte:** Elaboração própria.

No Quadro 2, observamos dois grandes eixos de análise nos quais nos deteremos: o primeiro refere-se à associação de Saussure à corrente linguística estruturalista; o segundo, ao afastamento do fator social em sua teoria. Neste primeiro momento, voltamos-nos à análise das

citações que abordam o estruturalismo, as quais são mais recorrentes no manual de Martelotta (2008), mas também aparecem nos manuais de Fiorin (2002) e de Mussalim e Bentes (2021). Assim, orientamo-nos pelo seguinte questionamento: seria Saussure um linguista estruturalista?

No *Manual de Linguística*, organizado por Martelotta (2008), o autor afirma que, ao empregar o termo sistema, Saussure pretendia demonstrar que “[...] os elementos de uma língua não estão isolados, mas formam um conjunto solidário. A impossibilidade de analisar os elementos linguísticos isolados do sistema que eles compõem, ressaltando assim a primazia do todo sobre suas partes.” (Martelotta, 2008, p. 26). Após esta formulação, o manual associa a noção de sistema à base da linguística estrutural, afirmando:

[...] essa concepção de linguagem tem como consequência um outro princípio do **estruturalismo**: o de que a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma toda preocupação extralinguística precisa ser abandonada, uma vez que a estrutura da língua deve ser descrita apenas a partir de suas relações internas. Nesse enquadramento, ficam excluídas “as relações entre língua e sociedade, língua e cultura, língua e distribuição geográfica, língua e literatura (Martelotta, 2008, p. 56 – grifo nosso).

No excerto acima destacamos um ponto importante para seguirmos nossa reflexão. A teoria saussuriana é comumente inserida nos moldes da linguística estruturalista, logo, a língua, seu objeto de estudo, é vista como em forma de estrutura. Para que possamos prosseguir nosso debate acerca da afirmação “a língua é um sistema de signos” (Saussure, 2006, p. 24) apresentaremos a seguir alguns esclarecimentos sobre a relação da teoria saussuriana e a linguística estruturalista, como forma de deixarmos evidente as diferenças entre os termos estrutura e sistema.

Para que possamos seguir nossa tentativa de resposta a esta questão, temos primeiramente, que voltar aos contextos de recepção do CLG na Europa, discutida na Seção 1 com base em Colombat, Puech e Fournier (2017). Ademais, trazemos também a obra de De Lemos *et al.* (2003) sobre a chegada de Saussure na América Latina e no Brasil, pois nos esclarece as ligações entre o processo de recepção brasileira e sua interlocução com o cenário europeu, e é nesse contexto que De Lemos *et al.* observam: “Discutir Saussure na América Latina no século XX requer considerar certos aspectos particulares relativos às trocas culturais/intelectuais entre a Europa e a América Latina durante esse período<sup>17</sup>.” (De Lemos *et al.*, 2003, p. 165, tradução nossa). Nesse sentido, o texto *Le Saussurisme en Amérique Latine*

---

<sup>17</sup> No Original: "Parler de Saussure en Amérique Latine au XXe siècle exige de considérer certains aspects particuliers concernant les échanges culturels/intellectuels entre l'Europe et l'Amérique Latine pendant cette période".

(2003) já evidenciava a estreita proximidade entre as recepções brasileira e europeia.

Um dos reflexos desta aproximação entre as recepções (Brasil/Europa) refletiu diretamente no contexto sobre a formulação de que Saussure era estruturalista, como nos demonstra Toutain (2016):

Saussure permaneceu, para a história da linguística, como o 'pai do estruturalismo'. É desta forma, com efeito, que o leram os estruturalistas europeus - como, por exemplo, Hjelmslev, Jakobson, Martinet e Benveniste. Pouco importa, a esse respeito, que todos tenham se mostrado, por outro lado, críticos - em diferentes graus - em relação ao pensamento saussuriano. Colocar em prática, com efeito - e é exatamente isso o que os estruturalistas europeus quiseram fazer, seja inscrevendo-se diretamente na linhagem de Saussure, seja fazendo de Saussure um simples precursor do estruturalismo (como Jakobson em inúmeros textos e, em certa medida, Martinet) -, não poderia significar, naturalmente, 'repetir' ou 'aceitar integralmente', mas implica, ao contrário, trabalhar - no sentido do 'trabalho do conceito' de Canguilhem — e, nesse quadro, potencialmente, alterar<sup>18</sup> (Toutain, 2016, p. 192, tradução nossa).

O excerto evidencia que a consolidação de Saussure enquanto estruturalista resulta, em grande medida, de um modo específico de leitura e apropriação de sua obra, historicamente situado no contexto europeu. Nesse processo, o pensamento saussuriano não é simplesmente retomado, mas reinterpretado e reorganizado. Os vestígios dessa recepção europeia podem ser vistos nos manuais de linguística brasileiros, como nos declara Martelotta a seguir:

A tendência de analisar as línguas, conhecida como **gramática estrutural, ou estruturalismo, se desenvolveu na primeira metade do século XX, sob a influência das ideias de Ferdinand de Saussure**, divulgadas através da publicação póstuma de seu livro, o Curso de linguística geral. Essas ideias revolucionaram os estudos da época, dando às pesquisas em linguística, sobretudo na Europa, uma nova direção, distinta da que caracterizava a gramática histórico-comparativa (Martelotta, 2008, p. 26 – grifo nosso).

O autor em questão afirma que o estruturalismo teve seu início com a publicação do CLG, demonstrando uma ligação estreita entre a teoria saussuriana e a fundação da corrente estruturalista. Toutain (2016) nos aponta explicitamente o distanciamento histórico de Saussure na constituição do pensamento estrutural, ao afirmar que:

A elaboração estruturalista baseia-se, portanto, em um duplo dado: o de uma definição prévia da língua como instrumento de comunicação - a aceitação do dado

<sup>18</sup> No original: "Saussure est demeuré, pour l'histoire de la linguistique, le « père du structuralisme ». C'est ainsi, en effet, que l'ont lu les structuralistes européens, et par exemple Hjelmslev, Jakobson, Martinet et Benveniste. Il importe peu, à cet égard, que tous se soient par ailleurs montrés critiques –à différents degrés– envers la pensée saussurienne. Mettre en oeuvre, en effet –et c'est bien ce que les structuralistes européens ont voulu faire, soit qu'ils s'inscrivent directement dans la lignée de Saussure, soit que, comme Jakobson dans nombre de textes, et pour une part Martinet, ils fassent de Saussure un simple précurseur du structuralisme– ne saurait bien entendu signifier «répéter», ou «accepter intégralement», mais implique au contraire de travailler –au sens du «travail du concept» de Canguilhem<sup>21</sup>–, et, dans ce cadre, potentiellement, d'altérer".

da relação som/sentido - e o da entidade linguística, que se trata apenas de construir, no sentido objetual, e não bachelardiano do termo, por meio de uma análise linguística, isto é, funcional ou estrutural. **Assim, não há nada de comum entre o sistema saussuriano e a estrutura dos estruturalistas:** enquanto Saussure define a língua como sistema, os estruturalistas implementam o que se pode chamar de uma 'hipótese estrutural', fundada, por sua vez, sobre a noção comum de estrutura - estrutura constatável em todo idioma, e da qual seria necessário, ao contrário, prestar contas<sup>19</sup> (Toutain, 2016, p. 195, tradução nossa, grifo nosso)

Dessa forma, a autora desloca Saussure da posição de fundador de um estruturalismo propriamente dito. O que Saussure realiza, segundo a autora, é a retomada de um certo modo de analisar a língua, em um momento histórico marcado pelo predomínio da gramática comparada. Nesse sentido, torna-se possível compreender que aquilo que frequentemente se toma como uma leitura de Saussure é, na verdade, mediado por tradições interpretativas específicas, o que abre espaço para problematizar como essas leituras repercutem e se atualizam em outros contextos.

Assim, reconhecer que o estruturalismo se desenvolve, em grande medida, a partir da obra de Saussure não implica afirmar uma identidade plena entre o pensamento saussuriano e as formulações estruturalistas da década de 1960. Ao contrário, como sugere Ducrot em seu livro *Estruturalismo e Linguística* (1970) trata-se de admitir uma relação de filiação teórica mediada por deslocamentos conceituais. No estruturalismo linguístico vê-se alguns dos princípios saussurianos, como a língua enquanto sistema e a autonomia da língua, em um contexto histórico e epistemológico muito específico, marcado pela busca de formalização e de generalização metodológica.

As análises de Ducrot (1970) nos nortearão para compreendermos esta relação em um terreno intermediário, no qual a obra saussuriana funciona como condição de possibilidade para determinados desenvolvimentos teóricos posteriores, sem, contudo, se confundir com eles. Isso implica reconhecer que o estruturalismo linguístico se constrói a partir de Saussure, mas não em Saussure, distinção que se torna fundamental para evitar leituras anacrônicas de sua obra.

---

<sup>19</sup> No original : L'élaboration structuraliste se fonde donc sur un double donné: celui d'une définition préalable de la langue comme instrument de communication – l'acceptation du donné du rapport son/sens –, et celui de l'entité linguistique, qu'il s'agit seulement de construire, au sens objectal, et non bachelardien, du terme, au moyen d'une analyse linguistique, c'est-à-dire fonctionnelle ou structurale. Aussi n'y a-t-il rien de commun entre le système saussurien et la structure des structuralistes: tandis que Saussure définit la langue comme système, les structuralistes mettent en oeuvre ce que l'on peut appeler une «hypothèse structurale», fondée, pour sa part, sur la notion commune de structure –structure constatable en tout idiome, et dont il faudrait ainsi au contraire rendre raison. De même qu'ils reprennent à leur compte– mutatis mutandis selon les auteurs<sup>26</sup> –la définition de la langue comme instrument de communication, les ou une définition de la langue comme structure pour procéder à une analyse structurale du donné et ainsi construire la langue– c'est-à-dire l'idiome – comme structure: forme (Hjelmslev), instrument de communication (Jakobson et Martinet, de manière diversement élaborée) ou structure informée de signification, « sémiotique » doublée d'une «sémantique» (Benveniste).

Um primeiro elemento que contribui para essa relativização diz respeito ao próprio uso do termo “estruturalismo”. Ducrot (1970) irá nos mostrar que essa denominação foi frequentemente aplicada de maneira ampla e pouco precisa, designando retrospectivamente toda a linguística posterior a Saussure. Ao observar que “Os chomskianos chamam toda a linguística posterior a Saussure de estruturalista.” (Ducrot, 1970, p. 23), o autor evidencia que o rótulo estruturalista opera mais como categoria polêmica do que como descrição teórica. Tal uso contribui para o apagamento de diferenças internas ao campo linguístico e para reforçar a ideia de um Saussure estruturalista por assimilação generalizante. Os manuais ainda seguem esta perspectiva, como demonstramos a seguir em Martelotta (2008)

**Saussure, o precursor do estruturalismo**, enfatizou a ideia de que a língua é um sistema, ou seja, um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente. **À geração seguinte coube observar mais detalhadamente como o sistema se estrutura: daí o termo “estruturalismo”** para designar a nova tendência de se analisar as línguas (Martelotta, 2008, p. 55, grifo nosso).

O excerto acima sustenta mais uma leitura linear que posiciona a teoria saussuriana como se houvesse uma continuidade direta entre sua teoria e os desdobramentos posteriores. Essa perspectiva é problemática, pois projeta sobre Saussure categorias que não lhe são próprias causando um efeito de ruptura que não lhe pertence. Ducrot (1970), ao analisar as correntes estruturalistas posteriores, como a glossemática<sup>20</sup>, nos apresenta uma distinção em relação a Saussure ainda mais evidente. Embora tais teorias satisfaçam princípios formulados por Saussure, como, interna da língua, isso não significa que elas estejam já contidas em sua obra, assim, ao afirmar que sobre a glossemática, Ducrot (1970, p. 72) afirma:

Como situar, dentro da história do Estruturalismo, a concepção combinatória da língua que permite à Glossemática se retirar temporariamente do mundo e suspender a realidade extralinguística sempre implicada de fato na linguagem? Está claro, em primeiro lugar, que ela satisfaz o princípio saussuriano segundo o qual a organização interna de uma língua é um dado original, e não um decalque de uma ordem que lhe é estranha. A glossemática da inclusive a essa tese a sua forma menos contestável. No Curso de Linguística Geral, não se sabia bem se se tratava de uma decisão filosófica (fundada na ideia de que não pode haver ordem anterior à linguagem e que o mundo, antes de ser falado, é necessariamente uma "massa amorfa") ou de uma conclusão empírica (verifica-se que cada língua institui no mundo uma classificação que lhe é própria e que não se justifica de nenhum outro ponto de vista). (Ducrot, [1968] 1970, p. 110)

Nesse sentido, Ducrot (1970) nos sugere então uma relação conceitual. O estruturalismo aparece, assim, como uma elaboração posterior que seleciona e transforma certos aspectos do pensamento saussuriano. A concepção saussuriana de sistema, tal como

---

<sup>20</sup> Teoria linguística desenvolvida por Louis Hjelmslev.

retomada por Ducrot, reforça essa leitura não estruturalista, destacando que “Para Saussure, o sistema linguístico não é construído pela junção de elementos preexistentes. Descobrir os elementos e descobrir o sistema constituem uma única tarefa.” (Ducrot, 1970, p. 66), o autor aponta para uma reflexão que se distancia mais uma vez dos moldes estruturalistas.

A respeito dos elementos existentes no sistema, nos baseamos no trabalho de Coelho (2015), no qual a autora investiga esta noção da teoria saussuriana. Assim, temos que:

A língua, portanto, é um “sistema de signos” cuja essência se pauta na união das duas partes, igualmente psíquicas, do signo linguístico: o sentido e a imagem acústica. Ou seja, o que há de essencial no sistema da língua é o que existe naquilo que compõe seu funcionamento interno: o signo, seus elementos componentes e, principalmente, as relações estabelecidas em seu sistema, que permitem a associação entre sentido e imagem acústica. Desse modo, tudo que não compõe esse sistema, consequentemente, também não pode compor diretamente o objeto “língua”, tal como ele foi delimitado, até agora, no CLG (Coelho, 2015, p. 43).

O excerto destaca que a especificidade da língua reside em sua organização interna, isto é, no modo como os signos linguísticos se articulam em um sistema de relações. Assim nos perguntamos: a constituição de um sistema linguístico, assim organizado, resultaria em uma ordem interna que excluiria toda e qualquer relação com o que não fosse estritamente da ordem dos elementos desse sistema? Essa questão parece sinalizar um ponto de divergência entre a teoria saussuriana e o estruturalismo, que se utiliza de alguns conceitos da teoria saussuriana. Um caso exemplar para abordar essa diferença é o aspecto social relacionado à língua.

Cabe destacar que, ao mobilizarmos a noção de social neste trabalho, não a tomamos de forma indiferenciada. Optamos por privilegiar a formulação de massa social, tal como aparece no CLG (2006, p. 88 e 90), a fim de evitar tanto a flutuação terminológica quanto a aproximação direta com a noção de “fato social”, de matriz durkheimiana. Essa escolha se justifica pelo fato de que, no próprio CLG, o termo e a noção de social não se apresenta de maneira unívoca, sendo caracterizado sob diferentes nuances ao longo da obra. Embora esse aspecto não constitua o foco desta discussão, exige um uso conceitual mais controlado. Assim, ao adotarmos “massa social” (Saussure, 2006, p. 88) como termo de referência, buscamos garantir maior precisão na problematização das relações entre sistema e dimensão coletiva da língua.

Nossa análise volta-se agora para os modos pelos quais os manuais retratam a língua e seu aspecto social, partindo da hipótese de que tais materiais tendem a privilegiar uma concepção mais homogênea do sistema linguístico, na qual a dimensão social pode aparecer atenuada, reconfigurada ou secundarizada. Nessa perspectiva, interessa-nos observar em que medida a delimitação do objeto da Linguística, tal como proposta por Saussure, é interpretada

e apresentada nesses materiais, sobretudo quando associada a possíveis leituras que enfatizam a falta de relação do sistema da língua e sua relação com a massa social.

Nesse sentido, seguindo nossas análises com base nos manuais, observamos a seguinte afirmação no manual de Mussalim e Bentes (2021)

Embora Saussure identificasse a língua com uma instituição social, o estruturalismo inaugurou um objeto que se define justamente pela **recusa de levar em conta o que a língua tem de social** — ou, pelo menos, o conceito de “social” em Saussure se delimita com o de relações pluri-individuais (Calvet, 2002, p. 31 *apud* Mussalim; Bentes, p. 51, 2021, grifo nosso).

A afirmação sintetiza uma interpretação dos manuais de introdução à linguística, que atribui a perspectiva do "social" saussuriano reduzida a um somatório de relações pluri-individuais, esvaziando o sistema de sua força coletiva em prol de um rigor formalista. Entretanto, essa leitura entra em confronto direto com os fundamentos expostos no CLG. Longe de instituir um objeto autônomo por meio da negação da massa falante, Saussure postula que a língua é inseparável da coletividade que a maneja, conforme se observa no trecho a seguir:

A língua — e esta consideração sobreleva todas as demais — é, a cada momento, **tarefa de toda a gente; difundida por uma massa e manejada** por ela, é algo de que **todos os indivíduos** se servem o dia inteiro. [...] da língua [...] cada qual participa a todo instante e é por isso que ela sofre sem cessar a influência de todos. [...] A língua forma um todo com a vida da massa social [...]. Não basta, todavia, dizer que a língua é um produto de forças sociais para que se veja claramente que não é livre; a par de lembrar que constitui sempre herança de uma época precedente, deve-se acrescentar que essas forças sociais atuam em função do tempo. **Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da coletividade, mas também porque está situada no tempo** (Saussure, 2006, p. 88, grifo nosso).

O trecho acima sinaliza que a língua não funciona sozinha, como uma peça isolada, mas depende diretamente da coletividade que a utiliza. Ao afirmar que a língua é "tarefa de toda a gente" (p. 88) o autor nos aponta que o sistema linguístico está enraizado na vida social e histórica, e não apenas em mentes individuais isoladas. Isso contradiz a ideia de que o social saussuriano seria apenas um conjunto de indivíduos. Na verdade, para ele, a língua é uma herança que recebemos e que ninguém pode mudar sozinho, justamente por causa do peso que o grupo exerce sobre ela.

Nos parece que o que acontece muitas vezes nos manuais, então, é um recorte: por vezes focam tanto na organização das regras que podem deixar de lado essa base social que o próprio Saussure considerava a mais importante de todas. Essa tendência de isolamento metodológico, que busca transformar o sistema em um objeto puramente imanente, abre margem para as críticas subsequentes, que passam a apontar uma suposta insuficiência do

mestre genebrino em lidar com a realidade extralinguística, como se observa a seguir:

É o que chamamos estudo imanente da língua, o que significa dizer que toda preocupação extralinguística precisa ser abandonada, uma vez que a estrutura da língua deve ser descrita apenas a partir de suas relações internas. Nessa perspectiva, ficam excluídas as relações entre língua e sociedade, língua e cultura, língua e distribuição geográfica, língua e literatura ou qualquer outra relação que não seja absolutamente relacionada com a organização interna dos elementos que constituem o sistema linguístico (Martelotta, 2008, p. 56).

O autor radicaliza a separação entre o sistema linguístico e a dimensão social, ao sugerir que qualquer preocupação com fatores externos deve ser inteiramente abandonada para se compreender a língua. Essa perspectiva de isolamento absoluto, no entanto, não encontra respaldo no pensamento saussuriano. Embora Saussure defenda seu foco no organismo interno da língua:

Nossa definição da língua supõe que eliminemos dela tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema, numa palavra: tudo quanto se designa pelo termo "Linguística externa". Essa Linguística se ocupa, todavia, **de coisas importantes**, e é sobretudo nelas que se pensa quando se aborda o estudo da linguagem (Saussure, 2006, p. 29, grifo nosso)

O autor não nega sua importância e segue sua reflexão nos aponta o que faz parte do que ele chamará de linguística externa, como observamos na sequência:

Incluem elas, primeiramente, todos os pontos em que a Linguística confina com a Etnologia, todas as relações que podem existir entre **a história duma língua e duma raça ou civilização**. Essas duas histórias se associam e mantêm relações recíprocas. Isso faz recordar um pouco as correspondências verificadas entre os fenômenos linguísticos propriamente ditos (ver p. 15 s.). **Os costumes duma nação têm repercussão na língua e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação**. Em segundo lugar, cumpre mencionar as relações existentes entre a língua e a história política. Grandes acontecimentos históricos, como a conquista romana, tiveram importância incalculável no tocante a inúmeros fatos linguísticos. A colonização, que não é senão uma forma de conquista, transporta um idioma para meios diferentes, o que acarreta transformações nesse idioma (Saussure, 2006, p. 29, grifo nosso).

O autor reconhece, explicitamente nesses fragmentos do CLG, que os fenômenos externos, como a história política, as instituições e os costumes de uma nação, ocupam um lugar de importância. Conforme demonstra o CLG, o que é denominado de linguística externa não é irrelevante; ao contrário, ela mantém uma relação direta com o idioma, revelando que o sistema não é indiferente às forças da civilização. Mais adiante mostraremos como o próprio sistema é teoricamente dependente, na concepção de Saussure, desses fatores externos.

O conjunto dos manuais analisados, sendo articulado apenas citações de Martelotta

(2008) e Mussalim e Bentes (2021), convergem para uma representação da língua como sistema formalmente organizado, autônomo e prioritário em relação às práticas de uso. Ainda que reconheçam, em diferentes graus, o caráter social da língua, essa dimensão aparece frequentemente subordinada à necessidade de delimitar um objeto homogêneo e estável. O sistema linguístico é, assim, apresentado, novamente, como uma estrutura de relações internas, o que contribui para a estabilização de uma leitura da teoria saussuriana marcada pela ênfase na imanência e pela atenuação das tensões entre sistema, sociedade e historicidade presentes no CLG.

No CLG, Saussure inscreve a língua no domínio dos fatos sociais ao definir seu estatuto como exterior aos indivíduos. Ao tratar dos fatos da linguagem, afirma que estes “são exteriores aos indivíduos” (Saussure, 2006, p. 20). O autor segue afirmando, de modo categórico “a língua, de todas as instituições sociais, é a que oferece menos oportunidades às iniciativas” (Saussure, 2006, p. 88), acrescentando que “a língua forma um todo com a vida da massa social e está sendo naturalmente inerte, aparece antes de tudo como um fator de conservação” (Saussure, 2006, p. 88).

Em nossas análises, observamos no manual de Fiorin (2002) uma representação da língua enquanto sistema, sendo caracterizada como:

A língua é para Saussure “um sistema de signos” – um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo. É “a parte social da linguagem”, exterior ao indivíduo; não pode ser modificada pelo falante e obedece às leis do contrato social estabelecido pelos membros da comunidade (Fiorin, 2002, p. 9).

O autor apresenta uma perspectiva diferente dos outros manuais, pelo menos nesta definição de língua como sistema. A língua é caracterizada no manual como simultaneamente sistema e parte social, justamente conforme assinala na teoria saussuriana, como vemos: “É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (Saussure, 2006, p. 17).

Para complementar nosso debate, De Mauro, na introdução de sua edição crítica do CLG, destaca que para Saussure o caráter social da língua decorre diretamente do princípio do arbitrário. Ao afirmar que os signos linguísticos não respondem a nenhuma motivação natural externa, Saussure estabelece que a única base válida para a configuração de uma língua é a arbitrariedade. Conforme apresentado no seguinte excerto:

[...] graças a essa análise profunda de Saussure sobre o arbitrário, resulta uma consequência: o aspecto radicalmente social da língua. Porque os signos, na sua

diferenciação recíproca e na sua organização em sistema, não respondem a nenhuma exigência natural que lhe seria externa, a única base válida de sua configuração particular em tal ou tal língua é o consenso social (De Mauro, 2018, p. 251-252).

Nessa perspectiva, a língua não é concebida como uma nomenclatura que se limita a nomear realidades pré-estabelecidas, mas como um sistema de diferenças construído a partir da natureza arbitrária do signo. De Mauro (2018) ressalta que, na concepção saussuriana, o consenso social não se restringe à organização dos significantes, mas envolve igualmente a constituição dos significados, ambos compreendidos como entidades arbitrárias: “[...] na concepção saussuriana da realidade linguística, a organização das significações em significados, não sendo menos arbitrária que aquela das fônias em significantes, o consenso social é tudo.” (De Mauro, 2018, p. 252). Este ponto é fundamental para compreender a diferença entre a concepção saussuriana do social e abordagens que observamos nos manuais de Martelotta (2008) e Mussalim e Bentes (2021), no qual o conceito de social saussuriano fora tratado como um somatório de práticas individuais.

A língua, desta forma, só é viável porque se funda no uso que uma sociedade faz dela, o que reforça seu estatuto coletivo, como vemos em De Mauro (2018):

Tudo como o arbitrário, o laço social, é fator de estabilidade e, ao mesmo tempo, de mudança. É precisamente o fato de que a língua é social que ela se submete aos caprichos dos indivíduos ou de seus grupos restritos. Por outro lado, esse mesmo caráter social expõe a língua às mudanças, quando a exigência de distinções já existentes diminui ou, ao contrário, quando surge a exigência de novas distinções. O arbitrário e o aspecto social da língua, combinados à complexidade de relações opositivas e sintagmáticas entre as unidades concretas, fazem com que o aparecimento e o desaparecimento de distinções, ao curso do tempo, sejam absolutamente imprevisíveis (De Mauro, 2018, p. 252).

Essa concepção reforça o caráter de sistema da língua. Assim, o sistema linguístico se instaura nos falantes como um saber coletivo que orienta suas produções individuais. Além disso, o caráter social da língua está diretamente relacionado à sua historicidade. O autor destaca que, para Saussure, as línguas particulares possuem validade circunscrita no tempo e no espaço, ligada às organizações específicas da sociedade humana “[...] as línguas particulares, tanto sobre o plano dos significantes quanto sobre o plano dos significados, são de natureza contingente, elas têm uma validade circunscrita no tempo e no espaço, validade essa com uma duração de organizações determinadas da sociedade humana” (De Mauro, 2018, p. 253).

Essa historicidade não contradiz o enfoque sincrônico, mas o complementa. Saussure insiste que um estado de língua é histórico não apenas porque se desenvolve no tempo, mas porque é sustentado por motivações sociais e contingentes como nos confirma De Mauro, ao

dizer que: “[...] um estado de língua é histórico não porque ele ‘se desenvolve’, mas porque as motivações que o sustentam são de caráter contingente, temporalmente e socialmente determinado” (De Mauro, 2018, p. 253).

Dessa forma, o caráter social da língua não a torna estática, mas, ao contrário, explica tanto sua estabilidade quanto sua mutabilidade. O arbitrário funciona simultaneamente como condição de mudança e de permanência dos sistemas linguísticos (De Mauro, 2018, p. 248–252). Ao conceber a língua como um sistema arbitrário, mas, historicamente situado, Saussure fornece uma base teórica para pensar a linguagem como realidade coletiva.

A análise realizada neste capítulo permite concluir que a recepção do pensamento de Saussure nos manuais de linguística opera uma redução do conceito de língua. Observamos que autores como Martelotta (2008) e Mussalim e Bentes (2021) apresentam a língua como uma estrutura que isola a língua de qualquer fator externo para estudá-la apenas como um conjunto de regras internas. Essa escolha acaba por apagar o que Saussure chamava de instituição social: a ideia de que a língua não é um objeto parado, mas um sistema de valores que só existe porque é validado por uma coletividade no decorrer do tempo.

Ao problematizarmos a troca do termo sistema (que em Saussure pressupõe a massa falante) pelo termo estrutura (focado apenas na organização das partes), evidenciamos que o ensino nos cursos de Letras muitas vezes recebe uma versão simplificada da teoria. Enquanto o CLG firma que a língua é “tarefa de toda a gente” (Saussure, 2006, p. 88) e que os fatos externos têm relevância para o organismo linguístico, a tradição dos manuais prioriza uma descrição formal que exclui o sujeito e a sociedade. Retomar o papel do social na fundação saussuriana é, portanto, essencial para compreender que a autonomia da Linguística não exige o abandono da realidade histórica. Encerramos esta seção passando às considerações finais, onde retomaremos como essa distorção teórica impacta a formação dos pesquisadores da área.

## CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, propusemo-nos a investigar os modos de circulação do pensamento de Ferdinand de Saussure nos cursos de Letras: Língua Portuguesa, com habilitação simples, nas universidades federais do Brasil, tomando como ponto de partida não apenas a presença de sua obra nos documentos institucionais, mas, sobretudo, as formas pelas quais essa presença se efetiva por meio de mediações específicas. Nesse sentido, ao analisar planos de disciplina e manuais de linguística, buscamos compreender como determinadas abordagens se configuram e se estabilizam no processo de transmissão do saber linguístico, com especial atenção à noção de língua como sistema e ao aspecto social da teoria saussuriana.

A partir das análises realizadas, torna-se possível afirmar que a circulação do pensamento saussuriano nesses espaços não se dá de maneira direta, mas é profundamente marcada por processos de mediação que operam seleções, simplificações e reorganizações conceituais. Esses processos não devem ser entendidos como meramente acessórios ou secundários, mas como constitutivos do próprio modo de existência da teoria no âmbito do ensino. Em outras palavras, aquilo que se ensina como teoria saussuriana nos cursos de Letras é, em grande medida, o resultado de uma série de leituras cristalizadas, que passam a funcionar como formas relativamente estáveis de interpretação.

Nesse contexto, a análise dos manuais mostrou-se particularmente reveladora. Longe de se configurarem apenas como instrumentos neutros de sistematização, esses materiais desempenham um papel ativo na construção de determinadas imagens do pensamento saussuriano. Ao organizarem o conteúdo de forma didática, os manuais não apenas tornam a teoria acessível, mas também a recortam, a hierarquizam e, em certa medida, a reinterpretam. Esse movimento implica, inevitavelmente, um deslocamento em relação ao texto do CLG, na medida em que certas noções são enfatizadas, enquanto outras são atenuadas ou mesmo silenciadas.

Acreditamos que esse tipo de mediação pode resultar em leituras simplificadas, descontextualizadas ou mesmo em silenciamentos parciais da complexidade teórica proposta no CLG. Essa constatação reforça a importância de investigar não apenas a presença de uma fonte primária nos documentos institucionais, mas também as formas e os filtros pelos quais seu pensamento é ensinado e interpretado.

Entre os aspectos mais recorrentes identificados nos materiais analisados, destaca-se, de forma bastante significativa, a associação entre Saussure e o estruturalismo. Essa associação

aparece, em muitos casos, como uma relação direta e pouco problematizada, o que contribui para a construção de uma imagem de Saussure como fundador dessa corrente. No entanto, como discutido ao longo deste trabalho, tal leitura tende a apagar as tensões e deslocamentos que marcam a passagem entre a teoria saussuriana e os desenvolvimentos posteriores do estruturalismo.

Esse movimento não é trivial. Ao estabelecer uma continuidade linear entre Saussure e o estruturalismo, os manuais acabam por estabilizar uma interpretação que reduz a complexidade de sua proposta teórica, especialmente no que diz respeito à noção de sistema. Em muitos casos, essa noção é apresentada como sinônimo de uma estrutura fechada, autônoma e autorregulada, o que contribui para reforçar uma leitura formalista da linguagem. No entanto, como evidenciado pela análise do CLG, a noção saussuriana de sistema está intrinsecamente ligada à ideia de valor, isto é, a um conjunto de relações diferenciais que não se esgota em uma descrição puramente interna dos elementos linguísticos.

Nesse ponto, torna-se particularmente relevante retomar a questão da dimensão social da língua. Ao longo deste trabalho, optamos por mobilizar a noção de massa social, tal como formulada por Saussure, como forma de evitar a flutuação terminológica e a aproximação direta com outras tradições teóricas, como aquela associada à noção de fato social. Essa escolha permitiu evidenciar que, no CLG, a língua não é concebida como um sistema isolado, mas como um fenômeno profundamente enraizado na coletividade, sendo ao mesmo tempo produto e condição das relações sociais.

No entanto, a análise dos manuais revelou que essa dimensão nem sempre é mantida em sua complexidade. Em diversos casos, observa-se uma tendência a delimitar o social, seja por meio de sua redução a um plano secundário, seja por sua dissociação em relação ao funcionamento do sistema. Em outros casos, o social aparece de forma genérica, sem uma articulação mais precisa com os conceitos centrais da teoria saussuriana. Tais movimentos contribuem para a construção de uma imagem da língua como objeto predominantemente interno, o que pode reforçar a ideia de um afastamento entre sistema e dimensão social.

Diante disso, interessou-nos, particularmente, verificar se a noção de sistema é mantida em sua complexidade relacional ou se tende a ser simplificada, estabilizada ou reinterpretada no processo de transmissão por meio dos manuais. Os resultados da análise indicam que, embora haja variações entre os materiais, predomina uma tendência à estabilização dessa noção, frequentemente apresentada de forma dissociada de sua articulação com o conceito de valor e, em alguns casos, associada diretamente a uma perspectiva estruturalista mais rígida.

Esses resultados permitem afirmar que a recepção do pensamento saussuriano nos

cursos de Letras: Língua Portuguesa, habilitação única, no Brasil não apenas seleciona determinados aspectos de sua teoria, mas também contribui para a consolidação de certas leituras que passam a operar como referenciais dominantes no ensino de linguística. Nesse processo, observa-se a produção de uma determinada forma de compreender como as teorias da linguagem que se inscreve em tradições teóricas específicas e que influencia a formação dos estudantes.

Ao assumir essa perspectiva, este trabalho não pretende deslegitimar o papel dos manuais ou propor sua substituição por uma leitura direta e integral do CLG, o que, do ponto de vista pedagógico, nem sempre seria viável. Trata-se, antes, de reconhecer que esses materiais desempenham um papel importante na mediação do saber e que, justamente por isso, merecem ser analisados de forma crítica. Ao evidenciar os efeitos dessas mediações, buscamos contribuir para uma reflexão mais ampla sobre o ensino de linguística e sobre as condições de circulação das teorias no contexto acadêmico.

Por fim, consideramos que investigar os modos pelos quais Ferdinand de Saussure é lido, ensinado e apropriado nos cursos de Letras implica, também, interrogar os próprios fundamentos da formação em Linguística. Ao problematizar as leituras que se estabilizam nesses espaços, abre-se a possibilidade de repensar não apenas o lugar de Saussure na história da Linguística, mas também as formas pelas quais o saber linguístico é construído, transmitido e transformado na contemporaneidade.

Nesse sentido, esperamos que este trabalho contribua para o desenvolvimento de novas investigações que aprofundem a análise dos processos de mediação do conhecimento linguístico, ampliando o olhar para outros autores, materiais e contextos de ensino. Mais do que encerrar uma discussão, trata-se, portanto, de abrir caminhos para novas perguntas, reconhecendo que a circulação das teorias é, ela própria, um campo fértil de investigação.

## REFERÊNCIAS

BALDINI, Lauro José Siqueira. Joaquim Mattoso Câmara Jr.. **Entremeios**, v. 5, p. 1-6, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=536521>. Acesso em: 25 jul. 2025.

BALDINI, Lauro José Siqueira. **Um lingüista na terra da gramática**. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/347837>. Acesso em: 24 jul. 2025.

BALDINI, Lauro; RIBEIRO, Thales de Medeiros; RIBEIRO, Karine de Medeiros. História das Ideias Linguísticas e Análise do Discurso: o corte epistemológico. **Fragmentum**, n. 52, p. 15-33, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/35763>. Acesso em: 16 maio 2025. <https://doi.org/10.5703/philrothstud.15.1.0033>

BALLY, C.; SECHEHAYE, A. Prefácio à primeira edição. In: SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. “Manual de linguística”: homonímia ou polissemia na história? **Delta: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, [S. l.], v. 28, n. 1, 2012. DOI: 10.1590/delta.v28i1.7541. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/7541>. Acesso em: 4 jul. 2025. <https://doi.org/10.1590/S0102-44502012000100007>

BIZERRIL, Marcelo Ximenes Aguiar. O processo de expansão e interiorização das universidades federais brasileiras e seus desdobramentos. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, v. 13, n. 32, p. 1–15, 2020. DOI: 10.20952/revtee.v13i32.13456. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/13456>. Acesso em: 16 maio 2025. <https://doi.org/10.20952/revtee.v13i32.13456>

BOUQUET, Simon. Il faut relire Ferdinand de Saussure dans le texte. Entretien avec Laurent Wolf. Tradução de Júlia Lourenço Costa. **Le Nouveau Quotidien**, Genève, 2012. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/download/1147/671/2532>. Acesso em: 15 mar. 2026.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **A estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Princípios de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: F. Briguier, 1964.

COELHO, Micaela Pafume. **A noção de sistema na fundação da linguística moderna**. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/17787>. Acesso em: 9 maio 2025.

COLOMBAT, Bernard; PUECH, Christian; FOURNIER, Jean-Marie. **Uma história das**

**ideias linguísticas**. 1. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2017. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788552000068/>. Acesso em: 19 dez. 2025.

DE LEMOS, Claudia *et al.* Le Saussurisme en Amérique latine. **Cahiers Ferdinand de Saussure**, v. 56, p. 165-176, 2003. Disponível em: [https://www.cercleferdinanddesaussure.org/CFS/Volume\\_56\\_2004.pdf](https://www.cercleferdinanddesaussure.org/CFS/Volume_56_2004.pdf). Acesso em: 10 mar. 2026.

DE MAURO, Túllio. **Fragmentum**, [S. l.], n. ESPEC, p. 239–257, 2018. DOI: 10.5902/2179219436595. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum/article/view/36595>. Acesso em: 5 nov. 2025. <https://doi.org/10.5902/2179219436595>

DUARTE, Pedro *et al.* O que faz de uma obra um clássico? Sete respostas. **Revista Poiésis**, v. 8, n. 11, p. 191-213, 2008. DOI: [10.22409/poiesis.811.191-213](https://doi.org/10.22409/poiesis.811.191-213). Disponível em: <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/26894>. Acesso em: 24 jul. 2026.

DUCROT, Oswald. **Estruturalismo e linguística**. Tradução de José Paulo Paes. Introdução geral à coleção: François Wahl. São Paulo: Cultrix, 1970.

DUTRA, Norivan Lustosa Lisboa. A expansão do ensino superior privado a partir de 1990: limites e possibilidades. **Revista do Difere**, v. 2, n. 4, dez. 2012. Disponível em: <https://flasco.org.br/files/2016/11/artigo-Norivan2.pdf>. Acesso em: 16 maio 2025.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. Universidade brasileira: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Revista de Educar**, Curitiba, v. 1, n. 28, 2006. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/er/n28/n28a03.pdf>. Acesso em: 16 maio 2025. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000200003>

FIORIN, José Luiz. A criação dos cursos de letras no Brasil e as primeiras orientações da pesquisa linguística universitária. **Línguas & Letras**, [S. l.], v. 7, n. 12, p. 11–25, 2006. DOI: 10.5935/rl&l.v7i12.887. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/887/752>. Acesso em: 16 mai. 2025.

FIORIN, José Luiz. **Introdução a linguística I Objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2002. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555414189/>. Acesso em: 12 jul. 2025.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: MACHADO, Roberto (org.). **Microfísica do poder**. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994. p. 273–291.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FLORES, Valdir do Nascimento. Aspectos epistemológicos da recepção de Saussure na linguística brasileira. **Revista Desenredo**, [S. l.], v. 20, n. 3, 2024. DOI: [10.5335/rdes.v20i3.16409](https://doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16409). Disponível em: <https://ojs.upf.br/index.php/rd/article/view/16409>. Acesso em: 16 abr. 2026. <https://doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16409>

HAROCHE, Claudine; HENRY, Paul; PÊCHEUX, Michel. A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. *In*: BARONAS, Roberto Leiser (Org.). **Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos: Pedro & João, 2007, p. 13-32. Disponível em:

<https://www.marxists.org/portugues/pecheux/1971/mes/semantica.htm>. Acesso em: 24 jul. 2026.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O papel da linguística no ensino de línguas. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 18, p. 12-31, jul. 2016. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/5358>. Acesso em: 25 maio 2025.  
<https://doi.org/10.35520/diadorim.2016.v18n2a5358>

MATOS, Denilson Pereira de; BRITO, Amanda de Souza. A visão Saussuriana da linguagem: a partir das análises de Mattoso Câmara (1975). **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 163-174, 12 dez. 2009. Disponível em:

<https://confluencia.emnuvens.com.br/rc/article/view/687>. Acesso em: 12 abr. 2025.

MARTELOTTA, Mario E. **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2008. *E-book*. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555413014/>. Acesso em: 05 jul. 2025.

MARQUES, Allana Cristina Moreira; HENRIQUES, Stefania Montes. Saussure na pós-graduação: aspectos teóricos e epistemológicos. **Revista Desenredo**, [S. l.], v. 20, n. 3, 2024. Disponível em: <https://ojs.upf.br/index.php/rd/article/view/16491>. Acesso em: 14 maio. 2025.

<https://doi.org/10.5335/rdes.v20i3.16491>

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. v. I. São Paulo: Cortez Editora, 2021. Disponível em:

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555552133/>. Acesso em: 06 jul. 2025.

NORMAND, Claudine. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

NORMAND, Claudine. Saussure: uma epistemologia da Linguística. *In*: SILVEIRA, Eliane M. (Org.). **As bordas da linguagem**. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 11-30.

PUECH, Christian. O espírito de Saussure: recepção e herança (a herança linguística saussuriana: Paris contra Genebra). **Revista Leitura**, [S. l.], v. 1, n. 62, p. 364–380, 2018.

DOI: 10.28998/2317-9945.201962.364-380. Disponível em:

<https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/5459>. Acesso em: 16 abr. 2026.  
<https://doi.org/10.28998/2317-9945.201962.364-380>

SALUM, Isaac Nicolau. Prefácio à edição brasileira. *In*: SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blickstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blickstein. 27. ed. São

Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de linguística geral**. Organização e edição: Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução: Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVEIRA, Eliane. Saussure à brasileira: estatuto epistemológico do Curso de linguística geral nos manuais publicados entre 1930 e 1980. In: FARACO, Carlos Alberto (org.). **O efeito Saussure: cem anos do Curso de linguística geral**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016. Cap. 9. p. 183-218.

SILVEIRA, Eliane; SÁ, Israel de; FERNANDES, Cleudemar Alves. Problemas da autoria em Ferdinand de Saussure: do percurso intelectual à constituição da obra. **Revista Leitura**, [S. l.], v. 1, n. 62, p. 235–254, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/5080>. Acesso em: 16 abr. 2026. <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201962.235-254>

SILVEIRA, Eliane. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

SILVEIRA, Eliane. A teoria do valor no Curso de Linguística Geral. **Letras & letras**, v. 25, n. 1, Jan/jun. 2009 - Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25469/14121>. Acesso em: 14 maio 2025.

SUGIYAMA JUNIOR, Ênio. **O ensino de linguística no Brasil (1960-2010): efeitos do processo de institucionalização da disciplina na configuração curricular dos cursos de Letras e Linguística**. 2020. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. DOI:10.11606/T.8.2020.tde-22032021-193609. Acesso em: 20 maio 2025. <https://doi.org/10.11606/T.8.2020.tde-22032021-193609>

TOUTAIN, Anne-Gaëlle. Le Cours de linguistique générale et l'histoire du saussurisme. **Revista Entornos**, v. 2, pág. 185-208, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6937118>. Acesso em: 20 fev. 2026. <https://doi.org/10.25054/01247905.1271>

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch N. **Marxismo e Filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Frateschi Vieira. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

## **APÊNDICE A – Repositório eletrônico de dados**

Em função da extensão das tabelas geradas nesta pesquisa, e visando assegurar a fluidez da leitura textual sem qualquer prejuízo ao rigor metodológico, os dados integrais foram organizados em formato digital externo. Este procedimento evita a sobrecarga visual do documento e garante a total transparência da investigação. O conjunto completo de planilhas de análise está publicamente disponível para consulta, auditoria e reprodutibilidade científica no repositório permanente Zenodo, acessível por meio do identificador digital: <https://doi.org/10.5281/zenodo.21223352>.

## APÊNDICE B – DECLARAÇÃO DE USO DE IA

Eu, Luana Furlan de Medeiros, autora da dissertação “Ensinar Saussure: a circulação da teoria saussuriana nos cursos de letras brasileiros”, declaro que:

( ) Não utilizei ferramentas de inteligência artificial durante o desenvolvimento deste Projeto de Pesquisa.

(X) Durante o desenvolvimento desta dissertação, as seguintes ferramentas de inteligência artificial foram utilizadas:

Ferramenta(s): ChatGPT Propósito(s):

( ) Revisão de linguagem: melhoria da gramática, ortografia, clareza e estilo do texto.

(X) Tradução: conversão do manuscrito ou partes dele para outro idioma.

(X) Geração de texto: criação de rascunhos, sugestões ou partes específicas do conteúdo, devidamente revisadas pelos autores.

( ) Análise de dados: processamento e interpretação inicial de conjuntos de dados.

( ) Visualização de dados ou imagens: auxílio na geração ou refinamento de figuras, gráficos ou ilustrações.

( ) Sugestões metodológicas: fornecimento de recomendações ou ideias para aprimorar abordagens de pesquisa.

Outros (especificar): \_\_\_\_\_

### 2. Autoria e Supervisão Humana:

A utilização de ferramentas de inteligência artificial foi exclusivamente para os propósitos acima declarados. Toda supervisão, validação e autoria intelectual do manuscrito são de responsabilidade dos autores humanos.

### 3. Conformidade com Princípios Éticos:

O uso das ferramentas de IA seguiu práticas éticas e não incluiu atividades como fabricação de dados, plágio, manipulação de figuras ou qualquer prática que comprometa a integridade científica.

### 4. Transparência:

Declaramos que as informações acima são completas e verdadeiras. Caso seja identificada qualquer inconsistência ou uso inadequado, aceitamos que a pesquisa seja submetida à investigação e, se necessário, rejeitada ou retratada.

Assinatura do autor correspondente:



Documento assinado digitalmente

LUANA FURLAN DE MEDEIROS

Data: 15/05/2026 11:55:45-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>